

39º Encontro Anual da Anpocs

SPG 20 – Sexualidade e gênero: espacialidade e relações de poder em diferentes escalas do urbano

“A cidade não se relaciona com a periferia”: circulações de jovens homossexuais por bairros e bares de “periferia” em São Paulo e Belém

Ramon Pereira dos Reis

“A cidade não se relaciona com a periferia”: circulações de jovens homossexuais por bairros e bares de “periferia” em São Paulo e Belém¹

Ramon Pereira dos Reis²

Sob o ponto de vista da circulação, a partir de uma política relacional/de conectividade que perscruta os efeitos e os sentidos das movimentações - ou dos movimento-ações -, temos aqui uma síntese dos resultados preliminares desta pesquisa de doutorado, em curso. Trata-se de uma etnografia que toma como ponto de partida os fluxos e os contrafluxos de jovens homossexuais, em geral, moradores de bairros “periféricos” de São Paulo (Itaquera e São Mateus) e Belém (Guamá), assim como suas articulações com determinados espaços de sociabilidade homossexual destas “periferias”. Levando em conta uma perspectiva interseccional de classe, “raça/cor”, gênero e sexualidade, percebemos que as apropriações desses jovens homossexuais - também chamados de “bichas” (majoritariamente negros) - por distintos espaços urbanos, além de borrarem as fronteiras entre “centros” e “periferias”, trazem à tona determinados protagonismos dos bares localizados nas “periferias” mencionadas e dos jovens homossexuais que lá moram, por exemplo, através da produção/constituição de sociabilidades “familiares” (pela via das relações, principalmente, de amizade); além de processos de identificação (recorrendo estrategicamente à identificação em ser “da periferia”) e de acusação (execrando qualquer tipo de acusação que os identifiquem enquanto “bichinhas de bairro” - pelo local de moradia).

Palavras-chave: “Centro(s)”; Circulação; Espaços de sociabilidade homossexual; Jovens homossexuais; “Periferia(s)”

Introdução: das possibilidades de circulação, ou não.

A mobilidade é um emaranhado de movimento físico, de significado e de prática (CRESSWELL, 2009, p. 25).

“A cidade não se relaciona com a periferia”³. Esta frase me foi dita em uma das conversas que tive com um interlocutor (Tarcísio⁴) que frequenta o bar Guinga’s, em julho de 2013, na “periferia”⁵ de São Mateus, em São Paulo. Naquela ocasião, Tarcísio prosseguia comentando: “O centro não se relaciona com a periferia. Tanto que você percebe a questão do vestuário, da linguagem, a musicalidade, tudo isso se diferencia de

¹ Pesquisa de doutorado, em curso, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) – Processo nº. 2012/11721-8. Sob orientação do Prof. Dr. Júlio Assis Simões. “As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da FAPESP”.

² Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS/USP). E-mail: ramonrei@gmail.com

³ De modo a situar a/o leitora/leitor, todas as vezes em que palavras ou frases estiverem grafadas em itálico e entre aspas trata-se de um termo êmico ou de um acionamento êmico. As demais palavras aspeadas referem-se à categorias de análise.

⁴ Por uma questão ética, a maioria dos nomes de pessoas citados são fictícios. Optei por manter o nome verdadeiro da dona do bar Refúgio dos Anjos – Ângela -, com sua prévia autorização, por ser alguém facilmente reconhecível no cenário de sociabilidade homossexual da capital paraense e porque durante anos o bar é popularmente conhecido como “bar da Ângela”.

⁵ Utilizo “centro”, “periferia” e suas derivações entre aspas por dois motivos: I – esta é uma etnografia multisituada (Cf. MARCUS, 2001) que corrobora com a não reificação desses termos; II - por se tratar de dinâmicas de (des)centralidade distintas, a própria noção de “centro” e/ou “periferia” é contextual e temporal (a esse respeito ver FRÚGOLI JR., 2000; FELTRAN, 2011).

quando você está numa balada de uma região central pra uma região periférica". Talvez o aspecto que mais me chamou atenção nessa fala tenha sido a questão da circulação, exatamente porque comecei a perceber não somente a invisibilidade da "periferia" para o "centro"⁶, na chave da sociabilidade homossexual, mas principalmente porque notei que tal invisibilidade (a partir das especificações da fala de Tarcísio) não está alheia a um contexto mais amplo e que por isso é possível notar conexões e distinções de estilo, linguagem, corporalidade, diferença, relação, "centros", "periferias". Ainda que a circulação não seja o tema central desta pesquisa, este é um texto em que procurarei me deter em torno do argumento da circulação a partir de uma política relacional/de conectividade que perscruta os efeitos e os sentidos das movimentações - ou dos movimento-ações -, de jovens homossexuais - também chamados de "*bichas*" (majoritariamente negros) -, moradores de determinadas "periferias" das capitais São Paulo (Itaquera e São Mateus) e Belém (Guamá).

Quando comecei a pesquisa de campo em São Paulo, em 2013, eu ainda não estava certo sobre qual a rentabilidade do tema da circulação, algumas pistas apareciam com maior ou menor ênfase dependendo do local e da minha proximidade com as pessoas. De antemão, quero ressaltar que os deslocamentos que tratarei não possuem relação com nenhuma ideia de migração que implica perda de vínculo com o lugar de origem. Não é a mesma coisa, por exemplo, que a grande migração gay e lésbica americana dos anos 1970 e 1980 para as metrópoles (Cf. WESTON, 1995). O ponto principal, como diria Vincent (2010), é acompanhar as pessoas, suas redes, seus fluxos e suas relações com algo/alguém. É, sobretudo, não reificar a noção de movimento⁷.

Embora o argumento de Vincent (2010) esteja alocado em uma discussão metodológica sobre sociedades agrárias europeias, no século XIX, seu ensaio questiona certa noção totalitária e pouco sistemática dos estudos de comunidade. Esta autora explora os fluxos organizados de mulheres, adolescentes e crianças - categorias negligenciadas da população rural -, exatamente pela possibilidade de confrontar o que

⁶ "Centro" e "periferia" devem ser entendidos neste texto enquanto pessoas em relação com estruturas e vice-versa. Simões; Carmo (2009) enfatizam que: "Em vez de pensarmos os fluxos (**pessoas**) em oposição aos lugares (**estruturas**) (e vice-versa), devemos contemplar a própria produção das mobilidades, através da qual podemos observar como se constituem as redes, se definem os trajectos e se constroem as espacialidades, em torno de múltiplos contextos sociais" (p. 18, grifos meus).

⁷ Como diria França (2013): "A relação entre a produção de lugares - a atribuição de sentidos aos espaços - e as pessoas que por eles transitam é de constituição mútua: ao mesmo tempo em que produzem diferença e desigualdade a partir desses trânsitos e de diferentes posições de sujeito, também se produzem sentidos de lugar" (p. 16)

ela chama de ilusória aparência de estabilidade estrutural. Neste sentido, o que procurarei trazer à baila são as seguintes questões: Quem circula? Por onde circula? Por que circula?

Perguntas como essas são centrais na pesquisa de Magalhães (2008), cujo objetivo principal foi:

[...] desvendar a relação existente entre grupos culturais e experiência urbana de jovens de periferia. Para isso, foi preciso saber sobre suas vivências cotidianas: para onde estes/as jovens se deslocam, quais os seus trajetos, de que forma vivenciam e elaboram a experiência da cidade e as maneiras pelas quais se apropriam do espaço urbano e neste constroem os seus circuitos (MAGALHÃES, 2008, p. 18).

A proposta metodológica de Magalhães (2008) é pertinente porque mapeia a circulação de suas/seus interlocutoras/es, moradoras/es de “periferias”, pela indicação de seus trajetos na cidade de São Paulo através do uso de mapas individuais rabiscados por pontos e linhas “centrais” e “periféricas”. É interessante notar como a noção de circulação é agenciada cotidianamente e “muitas vezes as vivências de jovens se limitam às experiências que transcorrem no âmbito do bairro” (p. 22).

Seguindo essa pista, valho-me também da perspectiva espaço-temporal presente em Massey (2013), para quem a noção de espaço é uma produção aberta e contínua sempre construída em relação a algo/alguém. Ela afirma que:

Conceber o espaço como um recorte estático através do tempo, como representação, como um sistema fechado, e assim por diante, são todos modos de subjulgá-lo. Eles nos permitem ignorar sua verdadeira relevância: as multiplicidades coetâneas de outras trajetórias e a necessária mentalidade aberta de uma subjetividade especializada (MASSEY, 2013, p. 94).

Tal proposição interpela a constituição de políticas de mobilidade e de acesso, ou seja, de políticas de circulação que enfatizam os lugares enquanto processos. Por conseguinte, “não é possível entender o “centro da cidade” – por exemplo, a perda de empregos ou o declínio do trabalho de manufatura que lá ocorre – somente pela observação do centro” (MASSEY, 2000, p. 184). A respeito de tais políticas de conectividade, Massey (2013), acerca do uso que faz do conceito de relação, evidencia:

Uma política relacional de lugar, então envolve tanto as inevitáveis negociações apresentadas pelo encontrar-se ao acaso [*throwntogetherness*] quanto uma política dos termos de abertura e fechamento. Mas um sentido global de lugares evoca, também, outra geografia do político: uma geografia que irá olhar para fora, para dirigir-se às espacialidades mais amplas das relações de sua construção. Isto levanta a questão de uma política de conectividade (MASSEY, 2013, p. 255).

Portanto, o ato de circular e o efeito da circulação se aproxima de um movimento-ação, onde o ir e vir, que cruza malhas urbanas, interage de maneira significativa com pessoas e espaços em um exercício de dar sentido ao trajeto percorrido. Circular não é compreendido apenas como objeto de troca, pode ser percebido também como uma apropriação interseccional que lança olhar para gêneros, sexualidades, classes, cores, idades, gerações, desejos, intenções, vontades, transformações espaço-temporais, algo que não está restrito ao movimento de saída da “periferia” para o “centro” (Cf. Magalhães, 2008).

Na esteira do argumento acima, destaco a pesquisa pioneira de Perlongher (2008 [1987]). Para Perlongher, que pesquisou a prostituição viril no contexto de crescimento urbano da capital paulistana em meados da década de 1980, não resta dúvidas de que a “desterritorialização” e a circulação de homens em busca de sexo com outros homens, além de afastá-los para um espaço-tempo “sujo” e extremamente moralizado (nesse caso o “centro antigo” de São Paulo), coloca em pauta uma negociação pormenorizada sobre o desejo a partir do que ele chama de tensores libidinais (marcações sociais de classe, “raça/cor”, sexualidade, gênero que se expressam através de um mercado do sexo).

Assim, a partir das minhas observações diretas nos espaços de sociabilidade homossexual, em geral bares, dos bairros “periféricos” de Itaquera (bar Luar Rock) e São Mateus (bar Guinga’s), em São Paulo, e no Guamá (bar Refúgio dos Anjos), em Belém, notei que tal perspectiva relacional se constitui em conexão com regiões “centrais” destas cidades, apesar de existirem certas sociabilidades que se constituem em função do local de moradia. É possível observar essas conexões através dos dados de campo abaixo:

- “[...] *Eu acho que é importante perceber que esses indivíduos, que saem de um espaço para o outro [nesse caso da “periferia” para o “centro”], eles estão também dentro dessa dimensão de digerir aquilo que não lhes pertence... Eu acho que a ponte contrária também se faz [do “centro” para a “periferia”], é claro que cada um dentro das suas limitações, dos seus temores, das suas leituras sobre o espaço, do seu comprometimento, ou não, com o espaço...*” (Reginaldo, “gay”, 46 anos, entrevista concedida em dezembro de 2013, em Belém);

- “[...] *Uma coisa que é muito interessante é que também tem os bares que são afastados do centro. Por exemplo, tem um bar que fica na Cidade Nova, região metropolitana [de Belém], a Rainbow [boate] na Augusto Montenegro [rodovia localizada na região metropolitana de Belém], tem também um karaokê gay na 1º de dezembro [atualmente avenida João Paulo II. Importante avenida de entrada e saída da cidade, que interliga “centros” e “periferias”]... É muito cômodo, pensando na geografia, o público frequentar onde é próximo de sua casa. É óbvio que existe essa migração, mas é muito comum ter o público relacionado ao lugar...*” (Nilton, “homossexual”, 34 anos, entrevista concedida em novembro de 2013, em Belém);

- “[...] *Em uma das conversas com um amigo eu falei assim: ‘Ah eu vou no Guinga’s porque eu canto, eu converso com todo mundo’. Ele disse: ‘Credo! Aquilo é lugar pra pessoas de boa índole ir?’. Aí eu falei*

assim: 'Ué, mas você mora na zona leste!'. [O amigo retrucou]: 'Ah, mas eu não sou igual a esse povo.' Eu falei assim: 'Como não?! Você é pobre, tão pobre quanto eles e quanto eu. Você não é melhor e nem pior do que nenhum que está ali dentro.' Então eu descarto. Eu gosto de vir aqui no Guinga's porque está perto da minha casa, eu canto, eu danço se eu quiser e se eu tiver de saco cheio eu vou embora, não tem ônibus eu vou a pé. Ah! Fico nervoso!' (Oton, "homossexual", 34 anos, entrevista concedida em maio de 2013, em São Paulo);

- "[...] O meu bairro [Guaianases] não tem nada. Então, geralmente, quando eu vou fazer alguma coisa, ou tem que ser no outro bairro, que é em Itaquera, que tem shopping, tem tudo! Pra lazer eu gosto de ir, mesmo, pra Augusta, Liberdade, ou pra Mogi [das Cruzes] geralmente pras baladas, mas eu gosto, mesmo, das coisas da Augusta... É São Paulo, tipo, é o centro, aqui [Augusta e proximidades] é o centro de São Paulo, é o centro de tudo!..." (Sérgio, "homossexual", 26 anos, entrevista concedida em abril de 2013, em São Paulo);

Por meio dos trechos das entrevistas acima são descortinados determinados desmembramentos sobre o tema circulação. Além desses relatos, todas as pessoas com quem conversei foram enfáticas em afirmar que se valem da circulação enquanto modo de apropriação do espaço urbano. Cabe aqui compreender quais os efeitos e sentidos desse movimento. Note-se que existem fluxos (da "periferia" para o "centro") que ocorrem por questões de classe social, mas não só, e de certa ausência de entretenimento na "periferia", e contrafluxos (do "centro" para a "periferia") e circulações (por "periferias") com vistas seja para tomar conhecimento de determinadas sociabilidades e lugares, ou pela facilidade de locomoção (no caso das pessoas que moram no bairro). É interessante notar que no caso desses contrafluxos há a configuração de circuitos de lazer e sociabilidade além daqueles considerados *mainstream*, como por exemplo os circuitos de Sérgio: morador de Guaianases (Zona Leste de São Paulo) > consumidor de um shopping em Itaquera (Zona Leste de São Paulo) > frequentador das baladas da rua Augusta (epicentro de sociabilidade homossexual e heterossexual em São Paulo) > frequentador da sociabilidade na Liberdade (bairro tradicionalmente conhecido pela forte imigração japonesa, que se fixou neste local e construiu estabelecimentos comerciais e residenciais que lembram a arquitetura japonesa), contíguo aos bairros da região do "centro antigo" de São Paulo > frequentador de Mogi das Cruzes (região metropolitana da capital paulista) por trabalhar como DJ em uma festa nesta cidade.

Com o decorrer das entrevistas e conversas tais (des)centralidades e circulações ganharam fôlego porque direta, ou indiretamente, as falas foram construindo caminhos e

representações distintas das cidades pela intersecção com classe, gênero, sexualidade, “raça/cor”⁸, idade/geração.

De posse desse breve apanhado teórico-etnográfico, não pretendo trazer à baila um exercício genealógico sobre circulação. Vale notar como as perspectivas teóricas acima não pretendem reificar a noção de movimento, e é a respeito deste ponto que procurarei me deter. Compreendo também que seja promissor investir na interdisciplinaridade, por exemplo, entre antropologia e geografia, de modo a borrar estruturas e blocos homogêneos de pensamento. Adiante apresentarei os dados etnográficos de Belém e São Paulo que foram coletados entre o segundo semestre de 2014 (em Belém) e primeiro semestre de 2015 (em São Paulo), com ênfase para determinados eventos: a festa de final de ano do bar Refúgio dos Anjos (Guamá/Belém), o aniversário de 5 anos da *Plasticine Party* (Itaquera/São Paulo) e o aniversário de 8 anos do Guinga’s bar (São Mateus/São Paulo), em ordem cronológica.

Cidades, festas e espaços: três etnografias

Neste tópico minha intenção é apresentar três eventos específicos – uma festa de reveillon e dois aniversários, respectivamente –, que, embora sistematizados de modo separado, mostram minhas retomadas de campo em Belém (2º semestre de 2014) e São Paulo (1º semestre de 2015) na tentativa de compreender quais as políticas de conectividade, mobilidade e acesso (MASSEY, 2000, 2013) de cada lugar a partir dos sentimentos de pertencimento e de distanciamento presentes em algumas falas.

A despeito da minha tentativa de escapar de uma perspectiva comparativa entre São Paulo e Belém, exatamente porque estas duas capitais passaram, por exemplo, por processos distintos de urbanização, Schwarcz (2015) reforça que:

[...] Belém e São Paulo são também comparáveis por conta do processo de urbanização experimentado nessas duas cidades, que delimitou um centro separado da periferia e enrijeceu categorias que articulam marcadores como raça, cor, classe, gênero e região. Mais do que regiões funcionais, centro e periferia são, nesses casos, linhas simbólicas que estabelecem separações articuladas e fundadas em diversos marcadores de diferença. Em São Paulo, a periferia é negra, se não na realidade ao menos na representação. Negra e

⁸ Sigo as pistas analíticas de Moutinho (2004), recuperadas das sugestões de Peter Fry, a partir do uso de aspas nas categorias “raça/cor” como destaque a específicas construções históricas e culturais. De acordo com Moutinho, esse procedimento a ajudou na comparação entre Brasil e África do Sul exatamente pela situacionalidade e localidade com que tais categorias adquiriam sentido.

pobre; negra e masculina. Em Belém novas periferias vão se formando. “Porta da floresta”, como dizia Emílio Goeldi em finais do século XIX – porta de entrada e de saída -, nessa cidade experiências complexas articulam povos e culturas distintos, sob o signo da “mistura”, mas também da “separação” (SCHWARCZ, 2015, p. 11).

Sobre o aspecto que promove um distanciamento geográfico entre Belém e São Paulo, de acordo com o censo demográfico de 2010 e de dados populacionais estimados em 2013 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – para a cidade de Belém, a sua população em 2010 foi de 1.393.399 hab., sendo estimada em 2013 um total de 1.425.922 hab., compreendidos numa área de unidade territorial (km²) de 1.059,406⁹; proporções bastante distintas se comparadas a capital São Paulo, cidade brasileira com o maior número de habitantes, com uma população em 2010 de 11.253.503 hab., sendo estimada para 2013 de 11.821.873 hab., em uma área da unidade territorial (km²) de 1.521,101¹⁰. Tais dados confirmam o sentido coloquial das falas dos belemenses ao verbalizarem que *“Belém é um ovo! Todo mundo se conhece”*.

Neste sentido, se por um lado há um maior distanciamento entre essas duas capitais no que se refere, por exemplo, aos dados populacionais e regionais, quando lançamos olhar para a produção de espaços de sociabilidade homossexual em bairros “periféricos” é possível evidenciar fluxos menos pautados na extensão territorial e mais voltados à constituição prévia de parcerias, afinidades e redes de amizades, principalmente se pensarmos na constituição de grupos de jovens por bairros, produzindo e reforçando sociabilidades homossexuais locais. Talvez por isso faz sentido pensar em espaços que se constroem por meio do que eu chamo de sociabilidades “familiares”, e isso parece cruzar tanto Belém quanto São Paulo, não obstante a expressiva diferença populacional.

Destaco que aniversários e eventos temáticos sempre me chamaram mais atenção, justamente porque me possibilitam consubstanciar as análises sobre circulação, compreendendo, a partir das conversas e de algumas entrevistas, o sentido dos movimentos, dos lugares, que ganham força quando cruzados a marcadores de classe social, “raça/cor”, idade/geração, gênero, sexualidade.

⁹ De acordo com o site: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=150140>>, acesso em 05/06/2014.

¹⁰ De acordo com o site: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=355030&search=sao-paulo/sao-paulo>>, acesso em 05/06/2014.

Procurei, então, perseguir o potencial produtivo de cada evento, apresentando etnografias em cenários “periféricos” de cada cidade, com vistas a lançar luz para cada uma das “periferias” – Guamá, Itaquera e São Mateus, respectivamente – e compreender os campos de possibilidades que são criados na relação com seus frequentadores. Vejamos a seguir as etnografias.

Etnografia I - Reveillon no Refúgio dos Anjos

“*Nenhum de nós é tão bom quanto todos nós juntos*”. Assim que entrei no bar Refúgio dos Anjos, antes da tradicional queima de fogos do final de ano (de 2014), por volta de 23h00, observei que pouquíssimas pessoas se faziam presentes, dirigi-me aos fundos e comecei a olhar mais detidamente para um dos quadros na parede – uma imagem ampliada e revestida de madeira na proporção 1 metro x 1 metro -, formado pela frase que abre este parágrafo e que servia de título e no plano central a imagem estilizada da bandeira do arco-íris que contrastava com várias pessoas de pé, todas na cor preta. Do outro lado, várias pinturas eróticas de corpos masculinos e femininos seminus compunham parte da decoração. Conforme as pessoas chegavam e o tempo passava, por vezes me peguei distraído olhando para aquele primeiro quadro, talvez em uma tentativa de entender o que estava por detrás daquela mensagem subliminar.

Enquanto uma série de questões pululavam, desloquei minhas atenções para o ir e vir das pessoas, que até aquele momento eram majoritariamente mulheres homossexuais, ou “*entendidas*” como algumas assim se identificavam. Observei bancos disponíveis em um dos bares da pista de dança e sentei. Nas primeiras duas horas me senti bastante isolado, apesar de eu estar em um lugar que considero acolhedor. Resolvi trocar mensagens pelo celular com amigos, via *WhatsApp* (aplicativo de celular para o envio de mensagens e vídeos).

Quando avistei Ângela – a dona do bar - fitei-a por alguns minutos, até que ela notou e veio me cumprimentar. Com um largo sorriso, ela me deu um forte abraço e perguntou se eu estava bem. Respondi que sim. Habilidade na conversa e nos movimentos, ela falava comigo e mais duas ou três pessoas próximas de nós. Em seguida, Ângela pedia uma garrafa de sidra para a funcionária do bar e sem titubear abria com felicidade. Ofereceu-me um copo com sidra acompanhado de um pequeno recipiente com amendoim. Aceitei. Notei que a lógica proprietária/clientes parecia se diluir em uma

fração de segundos, explico: tanto na entrada (posição ocupada por sua mulher, que fazia as vezes de caixa e *hostess*) quanto na pista de dança (espaço dominado por Ângela) a atmosfera de acolhimento e amizade predominava. Por ser uma mulher homossexual, que se identifica como “*entendida*”, influente e empresária de sucesso na “noite gay” de Belém, Ângela possui uma ampla rede de amigas/os homossexuais e heterossexuais, que frequentam o bar, e pelo seu hábil manejo em lidar com diversos públicos ela consegue borrar certa formalidade das relações exclusivamente capitalistas. Desta feita, compreendo que tal lógica exerce efeito a partir da articulação de três fatores, quais sejam: a identificação êmica do bar – “*bar da Ângela*” -, a popularidade da proprietária e sua simpatia, e o reconhecimento pelos pares e pela vizinhança como uma “*entendida*”/“*sapatão*” de sucesso e “*respeito*”¹¹.

É interessante notar como Ângela negocia essas noções de sucesso e “*respeito*” dentro e fora do espaço. De um lado o sucesso e a simpatia que a faz ser conhecida pela vizinhança e lhe garante credibilidade, do outro o “*respeito*” que se aproxima da ideia de “*consideração*” presente em algumas falas. A seguir apresento trechos da entrevista de Silmara que exemplificam essa dinâmica:

“Tem uma vizinha que trabalha aqui do lado do bar com venda de lanches... Então teve um dia, se não me engano uma única vez, que a Ângela não abriu no domingo, aí a vizinha até comentou: ‘Nossa! Quando a Ângela não abre, a Barão [Avenida Barão de Igarapé-Miri onde está localizado o bar] fica morta, né?! E a Ângela aqui é conhecidíssima’... Quando tem as brigas a Ângela acaba pegando o microfone, fala mesmo! Ela não tem medo. É mais por questões de ciúmes, são mais aquelas briguinhas da Ângela chegar e dizer: ‘Bora! O que é isso? Bora parar!’... O pessoal tem um respeito muito grande por ela. No caso, eu conversei com uma menina que ia brigar, num outro dia, ela disse: ‘Olha, eu só não dei uma copada, da bebida que eu tava, no rosto da fulana, porque eu respeito a Ângela, porque a gente tem uma grande consideração, e eu sei que a gente vai querer voltar...’ E a Ângela barra mesmo, ela não deixa entrar mesmo. Aí a pessoa como gosta de vir, aí acaba não fazendo” (Silmara, “*entendida*”, 39 anos, entrevista concedida em 10/12/2013).

Quando iniciei efetivamente a pesquisa de doutorado procurei ampliar minhas análises através da articulação entre espaço, tempo, cidade, circulação, e o não menos importante tema dos marcadores sociais da diferença. Assim, ao olhar para o bar

¹¹ O termo êmico “*respeito*” também é primordial na pesquisa de Facchini (2008). Na cena paulistana, “central” e “periférica”, de sociabilidade entre “mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com outras mulheres”, que ela pesquisou é possível observar que os códigos que acionam a categoria do respeito intercalam aspectos de discrição, performance de gênero e popularidade. Nas palavras dela: “Além da “masculinização” e de *ficar na sua*, comportar-se de modo bem humorado e fazer-se querida pelas pessoas de forma a “compensar o estigma” também são estratégias adotadas para garantir o *respeito*” (p. 269). Vale lembrar que, “apesar de haver estratégias que garantem o espaço de agência nos *bairros* de “periferia”, e dessas estratégias serem acionadas por boa parte das mulheres que vivem nesses espaços, é preciso dizer que nem toda “periferia” é igual e que não há estratégias únicas” (p. 270).

(espaço), refletir sobre seus 18 anos de existência (tempo) e sua localização “periférica” (cidade), conversar e (re)conhecer os fluxos e os contrafluxos dos frequentadores pela cidade (circulação), e, por fim, perceber semelhanças ou distinções de sexualidade, gênero, classe, “raça/cor”, idade/geração (marcadores sociais da diferença) por meio da relação entre proprietária e clientes, todos esses fatores favoreceram minha compreensão no que concerne à informalidade da postura de Ângela e a sensação de acolhimento, pelos frequentadores, durante a permanência no bar.

Pensando na potencialidade dos laços de amizade, ou do que chamo de sociabilidades “familiares”, ali representados e naquele quadro que prendeu minha atenção assim que cheguei no bar, considereei oportuno cruzar minha subjetividade aos vetores de união, acolhimento e informalidade, com vistas a me aproximar destas sensações não apenas como pesquisador, mas também como frequentador. Passei, então, para o centro da pista de dança e dei um giro de 360 graus, ainda que eu fosse abraçado por algumas pessoas em cenas congeladas e individuais, senti-me envolto em uma espécie de abraço coletivo. Fui “afetado”? Acho que sim. Deixei-me levar numa sensação extasiante que durou alguns minutos. Lembrei que por vários momentos, tanto em Belém quanto em São Paulo me emaranhei nas relações: dancei, bebi, flertei, beijei, mantive amizades. Portanto, notei que a premissa da união, do acolhimento e da informalidade constituem alguns dos sentidos do “*bar da Ângela*”, as interações que ali eram estabelecidas mantinham lógicas de afetividade e reciprocidade¹².

¹² Em meados dos anos 1980 Kath Weston (1997) realizou uma etnografia pioneira com grupos de homens homossexuais, em São Francisco, na qual identificou o que ela chamou de “famílias de escolha” como oposto às famílias constituídas por laços de consaguinidade. Weston percebeu que mesmo diante de uma série de movimentos diaspóricos para os Estados Unidos, que trouxeram novas demandas para os estudos do parentesco (pela interseccionalidade, por exemplo, com classe, raça, etnicidade), nenhuma das agendas políticas reconheceu as famílias gays enquanto dignas de direitos. Era preciso, sem dúvida, reconhecer que elementos de escolha deveriam entrar nesse debate, afinal o domínio primário das famílias gays e lésbicas (por onde elas/eles, supostamente, se espelham) é refletido ou imitado a partir de um domínio heterossexual. Uma das coisas interessantes de reter desta análise é o caráter de intensidade da amizade como um signo da homossexualidade, levando em conta de que o sentido de comunidade gay não se trata de uma subcultura unificada, “mas sim de uma categoria implicada nos modos pelos quais lésbicas e homens gays desenvolvem identidades coletivas, organizam o espaço urbano, e conferem significado às suas relações” (WESTON, 1997, p. 124. Tradução livre). Na aproximação com o contexto brasileiro, Soliva (2012) também se vale da pesquisa de Weston para mostrar que o senso de “família” atua diretamente na constituição dos grupos de homens homossexuais que se formaram a partir da década 1960 no “centro” do Rio de Janeiro. Estes homossexuais fazem parte da “Turma OK”, espaço que funciona como denominador comum de suas amizades, partilhas, angústias, felicidades, tristezas, que garantiu suporte no período de vivência clandestina de suas identidades homossexuais. Recorrer às duas pesquisas acima é importante porque mostra como determinados contextos, espaços e temporalidades relacionados à homossexualidade, em algum momento expressam certa força afetiva e recíproca entre pares, uma noção de “família”, ou um sentido de “família” (que não tem exatamente que ver com a noção de sociabilidades

Com o decorrer da festa me aproximei de Reginaldo e de mais dois amigos em comum, montamos um grupinho onde interagíamos conversando, bebendo, dançando e rindo. De vez em quando Reginaldo fazia comentários de cunho geracional nos quais enfatizava suas percepções sobre a presença de frequentadores mais antigos. Ainda que ele não me indicasse quem seriam esses homossexuais, seu comportamento acentuava certa proximidade principalmente com homens homossexuais mais velhos, conhecidos também como “*barroca(s)*”. Presenciei várias situações em que ele dançava e conversava com algumas “*barrocas*”. Tais cenas não apenas me colocavam no polo oposto ao de Reginaldo, pelo marcador etário e geracional (tenho 28 anos e Reginaldo tem 46 anos, e somos de gerações distintas), bem como me mostravam, naquela ocasião, certo silêncio por parte de Reginaldo acerca do público homossexual mais jovem. Na tentativa de eu não ser invasivo, resolvi não questioná-lo e lancei luz para a disposição de outros grupos na pista.

Nos instantes sequenciais me detive nas diversas sociabilidades ali presentes, e comecei a olhar de modo panorâmico para as circunstâncias que mais me chamavam atenção na pista de dança. Quando observei a relação entre música, estilo, performance de gênero, sexualidade, classe, local de moradia, “raça/cor” e circulação percebi que ficava evidente o distanciamento da noção de “*junto e misturado*” recorrente nas falas, de fato ali nem todos eram iguais¹³ e tampouco se relacionavam da mesma forma entre os grupos; talvez a postura carismática de Ângela desse essa impressão de uniformidade, que desapareceu após uma cuidadosa observação.

Dentro desse extenso cruzamento de marcadores e das sinuosidades que se apresentavam, a disposição dos grupos e das pessoas distinguia pertencimentos e distanciamentos. Minhas impressões iniciais, de algo que mais parecia uma miscelânea de questões, foram bastante desordenadas e confusas, tive várias dificuldades de me distanciar de algo tão familiar, afinal me considero um frequentador assíduo do bar desde

“familiares” que proponho aqui) que é produzido de modo a resignificar situações de vulnerabilidade, e por conseguinte garantir segurança e proteção.

¹³ Aguião (2007) problematiza a “homogeneidade” do sujeito no lugar, a partir das marcações de cor, mestiçagem e homossexualidade na favela de Rio das Pedras na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro; ela procura compreender a circulação e dinâmica de jovens em espaços de sociabilidade homossexual do bairro de Madureira, no Rio de Janeiro, reconhecido como subúrbio desta cidade. Ao cruzar marcadores de cor/raça, mestiçagem, gênero e sexualidade articulados a violência e origem local, Aguião percebeu o valor assumido pela sexualidade na localidade, bem como o que está em jogo quando se trata das expectativas e possibilidades das práticas sociais dos sujeitos, atuando na estruturação política e moral local e conformando as hierarquias de gênero.

2005. Ainda assim, esforcei-me por colocar em prática meu olhar distanciado. As questões foram aparecendo de modo sistemático em cada ponto da pista de dança. Há algum tempo atrás um rapaz comentara que nos fundos daquele ambiente, os grupos que ali se formavam eram em sua maioria compostos por moradores do bairro, mas ele somente me esclareceu isso devido uma insistência minha em reconhecer que determinadas dicotomias faziam parte do cenário. Diferente dos sábados e domingos que são dias comuns de funcionamento do bar, aquela festa de réveillon, pensando na quantidade de mesas e cadeiras que preenchiam o espaço e no expressivo número de pessoas sentadas, era semelhante ao que ocorria aos sábados - majoritariamente frequentado por mulheres homossexuais (“lésbicas”, “entendidas”, “gays”, “machudas”, “femininas”, “sapatão”, “patás”) -, com eventuais apresentações de cantoras e cantores locais. Enquanto que nos domingos o público majoritário é de homens homossexuais (“gays”, “entendidos”, “homossexuais”, “bichas”, “bichinhas”), a maioria em pé. Voltando ao comentário daquele rapaz, a festa de final de ano representava algo incomum e não necessariamente o que ele havia dito, mas serviu de contraponto reflexivo. Em incursões anteriores não pude deixar de notar que houve, sim, certa aglomeração de moradores do bairro nos fundos da pista de dança, mas esta questão, assim como outras que apareceram, não pode ser generalizada.

Durante o evento foi significativo perceber a relação promissora entre sexualidade, performance de gênero e música, a começar pela diferença de público não exatamente pela quantidade e muito menos por uma emulação performática. Enquanto nos sábados e nos domingos era possível observar cenas de sociabilidade de maneiras separadas, naquele réveillon mulheres e homens homossexuais ocupavam o mesmo espaço; aqui, novamente, os dizeres daquele quadro parecem fazer sentido, principalmente se preferirmos tornar opaco o caráter distinto e levarmos em conta a mensagem de união implícita no quadro. À medida que eu caminhava pelo espaço, constatei a presença maior de mulheres homossexuais, parte delas sentadas e acompanhadas de suas respectivas namoradas/esposas. A quantidade de mesas e cadeiras era pouca e conforme o adiantar da hora quem chegasse depois da 01h00 teria que ficar em pé.

Ao som de carimbó¹⁴ todos literalmente dançavam, e ao mesmo tempo que homens homossexuais efeminados (também chamados de “*passiva(s)*” ou “*bichinha(s)*”) fazem as vezes de damas para homens homossexuais masculinos (“*mona(s) ocó*” ou “*bicha(s) boy*”), pares de mulheres também se formam nos quais as mais femininas (“*femininas*”) são cortejadas pelas mais masculinas (“*machuda(s)*”, “*caminhoneira(s)*”). Outro ritmo que apresenta eixos performáticos parecidos é o tecnobrega, também regional, mas que nem todos se comprometem a dançar porque exige passos mais elaborados. Durante a sequência de tecnobrega, alguns casais se destacam pelos acelerados rodopios e trançados. Diferente do carimbó que é dançado solto, o tecnobrega requer certa técnica corporal que enfatiza a junção dos braços e da pélvis. Assim, “*machudas*” e “*monas ocó*” conduzem as “*bichinhas*” ou as “*femininas*”. Resolvi destacar esses dois ritmos por considerá-los regionais e constituintes destas sociabilidades, ainda que possam, eventualmente, desestabilizar marcações de sexualidades e performances de gênero pela representação de pares de “*bichinhas*” ou de “*machudas*”, são pontos reflexivos em torno da compreensão dos discursos de feminilidade e masculinidade e do que os aproxima e/ou distancia¹⁵.

A relação de proximidade e distância explicita outra chave analítica que mescla classe, “raça/cor”, local de moradia e circulação, que mesmo de difícil acesso, por se tratar de uma etnografia pontual, é possível evidenciar arenas de agenciamentos. Lembro que em 28 de junho de 2015, por ocasião do dia internacional do orgulho LGBT, participei como ouvinte de uma roda de conversa no Grajaú – “periferia” de São Paulo – onde tive um contato mais direto sobre determinadas demandas de jovens homossexuais moradores de “periferia”. O evento, intitulado “Periferia Trans”, colocou em pauta a suposta uniformidade de “centros” e “periferias” e o seguinte questionamento: por que circular para o “centro”? A partir do uso do termo “*transa*” acionado pelos jovens presentes (majoritariamente gays negros), para dar sentido aos movimentos eróticos pela cidade bem como de suas apropriações por variados espaços, eles questionavam os

¹⁴ Criada no século XVII e de herança africana e influências indígena e ibérica, essa parece ser uma dança que transita por gerações e performances de gênero. O carimbó é uma dança regional onde o homem corteja a mulher através de movimentos circulares marcados pelas pisadas para frente e para trás com a perna direita acompanhando os braços e pernas flexionados, com uma curvatura corporal semi-agachada. A ideia é que a mulher, ao desempenhar movimento semelhante ao do homem, permaneça sob o domínio deste e o envolva em seus giros que destacam o levantar dos saíões estampados e coloridos.

¹⁵ Agradeço a Sílvia Aguião por me alertar a respeito dessas representações de pares de “*bichinhas*” ou de “*machudas*”.

processos acusatórios que recaem sobre suas corporalidades, seus modos de vida e seus locais de moradia nos quais os estigmatizam e reforçam preconceitos e discriminações em torno da representação enquanto “*bichinhas de bairro*”. Retomarei este ponto nas próximas etnografias.

Nesta tentativa meio arriscada de cumprir a extensa demanda de marcadores sociais que mencionei, o tema da circulação desmembra-os e indica o que pode ser rentável naquele evento de final de ano. Foi também pela circulação que consegui compreender determinados sentidos de lugar, além de cores, desejos, vontades, classes, bairros. Aproximávamo-nos das 03h00 e Reginaldo e nossos amigos decidiram ir embora. Despedi-me deles. Pretendi permanecer para atentar sobre duas situações que mais para frente comentarei: o banho de cheiro e a distribuição de caldo quente.

No sentido de interpelar os marcadores supracitados, procurei colocar em pauta o tema da circulação porque verifiquei que determinadas conversas escrutinavam uma aparente mistura de público que enfraquece quando observamos que cada posição é ocupada pelo reconhecimento dos pares. “*Moro no centro e costume vir na Ângela no domingo, que é um dia que meus amigos também vem... Nós gostamos de ficar aqui nesse bar de próximo da entrada da pista de dança*” (homem homossexual); “*Sou guamaense e quando venho na Ângela fico aqui no centro ou nos fundos da pista de dança*” (homem homossexual); “*Eu sou do Guamá e prefiro vir aqui na Ângela no sábado porque dá menos gente e eu consigo sentar, é mais tranquilo*” (mulher homossexual); “*Eu e minhas amigas moramos no centro e gostamos do domingo, é mais divertido e, às vezes, conseguimos sentar ali pelo meio, onde dá muita bicha dançando, a gente acaba se envolvendo e dançando também*” (mulher homossexual). Estes são apenas alguns trechos que mostram a potência das dinâmicas de movimentação dentro e fora do bar.

Vale mencionar que apesar dessas falas não se referirem ao réveillon, o que vi neste evento me fez esbarrar em um questão importante, algo que identifiquei como um gradiente espacial de cores que ia do mais claro ao mais escuro, tomando como ponto de referência a entrada da pista de dança e os fundos desta. Ainda que a entrada possua uma luminosidade mais acentuada e nos fundos a luz seja mais escassa, talvez esse escurecimento ou embranquecimento, que depende do referencial e de um olhar minucioso, seja esclarecido quando eu recorro ao que me foi exemplificado nas conversas acima. A identificação com o bairro – “*guamaense*”/“*sou do Guamá*” – mostra

como o reconhecimento de algum modo é compartilhado no agenciamento das circulações dentro e fora do bar. Por maior que seja a sensação de pertencimento com o bar, através das falas dos que não moram no Guamá, se declarar “*guamaense*” e consequentemente ser morador desta “periferia”, em grande parte de classe baixa e “*morena/moreno*”, e frequentar a “*Ângela*”, os faz se afirmarem conhecedores das dinâmicas do bairro e do bar, mais de perto, e podem assim democratizar a frequência de homossexuais “*guamaenses*” negros no bar.

Seguindo processo semelhante de agenciamento por identificação com o local de moradia, Rodrigues (2008), em sua tese de doutorado sobre a sociabilidade festiva e os processos de identificação presentes no bairro de “periferia” Jurunas, em Belém, ela apresenta a multifacetada agência dos moradores que se identificam como *jurunenses*. Essa sociabilidade festiva é a ponte de acesso que interliga “periferias” e “centros” valorizando uma identidade de bairro/identidade local. “Através dessas formas de sociabilidade, produzidas localmente, eles constroem, para além de suas diferenças sociais, uma identidade cultural através da qual se reconhecem e se projetam para além do bairro” (RODRIGUES, 2008, p. 267)¹⁶.

Caminhando para o fechamento desta etnografia, ainda observei dois momentos importantes: o banho de cheiro e a distribuição de caldo quente, respectivamente. Por volta de 06h00 Ângela suspendeu um balde sobre a bancada do bar com o “*tradicional banho de cheiro*” de ervas regionais, ocasião bastante esperada por quem resistia até aquele horário. Com o auxílio de uma caneca Ângela dava início ao ritual, que simbolizava um atrativo para boas energias durante o novo ano. Aos poucos aqueles homens e mulheres se aproximavam, espontaneamente, e Ângela derramava uma pequena porção sobre a cabeça de cada um/uma. Aquele era um banho facultativo, contudo dependendo do grau de proximidade entre proprietária e clientes o banho era jogado em pessoas e/ou grupos. O caldo quente foi distribuído logo em seguida em pequenas porções servidas em copos de plástico – uma mistura feita de frango desfiado e legumes -. “*Cura ressaca*”. Ocasião que matinha todas/os de pé independente do notável cansaço.

¹⁶ “O bairro surge como uma escala de observação bastante proveitosa para apreender a permanência das afinidades, aproximações e interações sociais que podem contribuir para a fixação dos indivíduos no seio dos seus meios de vida, de maneira mais contínua ou mais efêmera” (VIDAL, 2009, p. 59)

Tais ritos de passagem finalizavam a festa e se relacionavam às questões que mencionei ao longo desta etnografia. Na recorrência ao quadro que me serviu de objeto reflexivo logo que adentrei na pista de dança, a mensagem subliminar de união presente nele se agregava aos rituais de finalização do evento por conta da postura acolhedora e amigável da proprietária e da colaboração das mulheres e dos homens homossexuais no reforço a essa sensação de acolhimento. Por fim, ao cruzarmos a miscelânea de marcadores sociais com as falas, posturas e espaço, foi possível identificar, mesmo que breve, pertencimentos e distanciamentos negociados por agenciamentos espaço-temporais dentro e fora do bar, no avançar e recuar de cada circulação, enfim, na própria existência deste espaço de sociabilidade homossexual, que é o mais antigo de Belém e está localizado em um bairro de “periferia”.

Etnografia II - 5 anos de “Plast”

A etnografia que segue foi realizada no dia 14 de março de 2015, por ocasião da comemoração de 5 anos da *Plasticine Party*, no bar Luar Rock, em Itaquera – Zona Leste de São Paulo. Convidei um amigo (Fausto) para me acompanhar. Meio à contragosto ele aceitou. Fausto viajou de Belém para São Paulo por motivos acadêmicos e gostaria que eu o levasse a alguma boate reconhecida pelo circuito *mainstream* de sociabilidade homossexual: The Week, Blue Space, Bubu. Quando expliquei a ele que nosso itinerário seguia o contrafluxo “centro-periferia”, a mais ou menos uma hora e meia de distância, e que se tratava de um lugar que não figurava na lista dos mais requisitados, ele se mostrou desapontado.

Talvez por se tratar de uma festa definida como *underground alternativo* pelo promotor (Sérgio, 26 anos, “homossexual”) ela não apareça nas indicações do Guia Gay de São Paulo mais recente (2015), apesar de um expressivo número de jovens “gays” e “lésbicas” frequentarem o espaço. Em entrevista concedida no dia 26 de abril de 2013, Sérgio comentara: “A *Plasticine* é coração de mãe [risos]... Não tem uma definição, tipo, cola muito gay, muito gay! Muita lésbica. Eu não quero que rotulem que seja GLS, tem muito hétero que tem preconceito de ir em balada GLS, se eu começar a falar que é GLS os amigos [héteros] vão zoar: ‘Ah! Vocês vão naquela baladinha de viado, GLS’. Eu prefiro não perder público, então eu prefiro falar que é *underground alternativo*, eu não

sei de onde que eu inventei isso, underground por causa da casa, tipo, que é escura, pixada, meio porão, aí tipo, eu falo underground alternativo...”

Durante nosso percurso Fausto me questionava com frequência: “*Você sabe, mesmo, onde fica esse lugar?*”, “*É perigoso?*”. Eu procurava passar segurança nas respostas. Ao chegarmos no ponto final – estação de metrô Corinthians-Itaquera – Fausto me olhou e disse: “*Nossa! Foi rápido!*”. Em seguida, nos encaminhamos para o ponto de ônibus. Eu não tinha a certeza de qual lotação nos levava ao bar. Pedi informação a um funcionário e ele apontou para uma das lotações à nossa esquerda. Notei uma movimentação de mulheres e homens vestidos com roupas pretas, mulheres com corte de cabelo raspado na lateral (conhecido tecnicamente como *undercut*) e homens de cabelo comprido, utilizavam algum tipo de acessório de couro e usavam piercings. Associei-as/os à estética de algumas/alguns das/dos frequentadoras/es da *Plasticine* e afirmei ao meu amigo que aquelas pessoas também iam para a mesma festa. Ledo engano. Fausto e eu descemos no mesmo ponto que elas/eles, mas para a minha surpresa o bar se chamava Aquarius Rock Bar, no sentido contrário ao Luar Rock Bar. Em um dos pontos da avenida Jacu Pêssego, uma das mais importantes de Itaquera, pedimos informação em um posto de gasolina, mas não obtivemos êxito. Eu tentava permanecer calmo, mas meu amigo aparentava estar desesperado. Passamos mais de meia hora nessa situação. Com a ajuda de um aplicativo de celular Fausto pediu um táxi. O medo pairava sobre nós. Após a chegada do táxi saímos de lá aliviados.

Passados esses momentos de desespero, começamos a rir. Foi, sem dúvida, uma situação que me fez refletir acerca da minha suposta posição de segurança desempenhada em campo. Tanto em São Paulo quanto em Belém eu sempre procurei abstrair o estigma, e certo mantra midiático, que ronda bairros de “periferia” pela associação direta a questões de violência e insegurança, afinal esta é apenas uma das facetas. Os questionamentos de Fausto foram primordiais porque me fizeram perceber que a constituição de sociabilidades homossexuais e a produção de espaços (bares ou boates) voltados para o público homossexual morador de “periferia” deve ocupar um lugar específico na sociedade, qual seja: o de ser opaco nesta cena, primeiro por determinados homossexuais que não se reconhecem enquanto moradores de “periferia” e que, portanto,

não usufruem destes equipamentos; e segundo porque servem como espaços de figuração onde o reconhecimento e/ou visibilidade acontece pela informalidade da comunicação¹⁷.

Estou certo de que os argumentos acima agenciam marcações, principalmente, de classe social e “raça/cor”. É preciso ressaltar que os discursos que visibilizam a “periferia” como afirmação identitária apontam para a relação positivada entre a publicização dos processos de identificação com o bairro a partir do discurso advindo dos gêneros musicais hip-hop e rap, ou dos que compartilham desta estética, que em geral vem de uma classe social baixa e são negros (Cf. GUASCO, 2001). Atualmente, tenho pensado que esse é um dos pontos que faz com que a produção de sociabilidades homossexuais localizadas em “periferias” tenha sido invisibilizada por muito tempo. Diferente dos rappers, interlocutores de Guasco (2001), que positivam o fato de serem moradores de “periferia”, no caso dos homossexuais moradores de “periferia” com quem mantenho contato suas relações com a “periferia” são ambivalentes: os discursos são contingenciais e às vezes superpostos pelo caráter de recusa e negação em se reconhecerem como moradores de “periferia”.

Chegamos no Luar Rock por volta de 00h30, ainda neste horário nos deparamos com uma fila de aproximadamente 100 pessoas. Enquanto esperávamos, eu comecei a observar a agitada movimentação na rua e notei algumas mudanças espaciais: uma boate, ingenuamente identificada por mim como uma casa de forró. Um rapaz do meu lado retrucara: “*Isso é um puteiro!*”. Outro bar. Na verdade, eu olhava para aquelas/es jovens na fila, para o que eu considerava como mudanças espaciais no entorno, e me sentia frustrado porque parecia haver uma “barreira” entre eu e todas aquelas pessoas. Eu não conseguia estabelecer diálogos. Procurava prestar bastante atenção nas conversas. Uma espécie de etnografia auditiva e ocular, tarefas consideradas por Vincent (2010, p. 475) como “preliminares ao registro dos eventos, do mapeamento das redes e do desdobramento dos casos”.

Por sorte, um grupo que estava do nosso lado resolveu conversar. Um dos rapazes mais comunicativos nos perguntou de onde éramos. Explicamos a ele que nascemos no

¹⁷ Considero significativa a análise empreendida por Raffestin (2013) sobre o que ele chama de binômio circulação-comunicação; o interessante é pensar que o fluxo dos sujeitos estão embasados em redes que constroem centralidades e marginalidades a depender do lugar e de fatores diversos. Deste modo, determinados tipos de linguagens comunicativas constroem circulações e vice-versa. Ressalto, então, os efeitos informativos que incidem diretamente na constituição de fluxos pela cidade, na movimentação dos sujeitos, na própria comunicabilidade a respeito de eventos específicos, no que se reconhece, ou não.

Pará, contudo meu amigo respondeu que viajava a trabalho e eu esclareci que moro em São Paulo porque questões acadêmicas, sem emitir mais detalhes. Fausto e o rapaz começaram a conversar sobre assuntos profissionais. Lá pelas tantas nos detemos a ouvi-lo falar sobre seu local de moradia (Santa Cecília – “centro”), com ênfase para seus movimentos pela cidade, que enfatizavam certo domínio e conhecimento do que era mencionado. A este propósito, a frequência na “*Plast*” diz respeito ao tempo que morou com sua família em Itaquera, bairro onde construiu seus primeiros laços de amizade e que o levaram a conhecer espaços de sociabilidade fora de um circuito *mainstream*, a exemplo de uma “*balada*” em Mogi das Cruzes (região metropolitana), a “*Freak Nation*”. Ele ressaltou que “*o público da Freak é bem semelhante ao da Plast, mas a Plast é melhor*”.

Infelizmente não posso tecer comentários sobre a “*Freak*”, pois nunca estive presente nesta festa. O fato é que a “cartografia de sociabilidade” (Cf. MAGALHÃES, 2008) daquele(s) jovem(ns) sistematizava um plano territorial que era compartilhado entre alguns. O sentido dessa circulação aproximava grupos de regiões “periféricas” e “centrais” de São Paulo em torno de trajetos que adquirem inteligibilidade pela via do estilo, música, linguagem, corporalidade. É possível compreender, então, que tais jovens dão sentido aos seus deslocamentos pela não circunscrição ao espaço e tampouco pela não homogeneidade destes. Elas/eles são protagonistas desta cena justamente porque produzem-na.

Massey (2000) mostra que “há diferenças no grau de movimento e comunicação, mas também no grau de controle e de iniciação” (p. 180). O que ela quer dizer é que dentro de dinâmicas globais de circulação existem posições de controle atuantes na “compressão de tempo-espaço”. Em outras palavras, além de não reificar a noção de movimento, seu argumento expõe hierarquias de classe e localização geográfica presentes na apropriação da cidade por distintos sujeitos¹⁸, por exemplo: empresários (investidores que detêm poder e influência), viajantes em contexto de diáspora (“responsáveis” por processos de mobilidade nem sempre exitosos), pessoas comuns (meros receptores) e moradores de favelas no Rio de Janeiro (produtores e receptores). Para estes últimos o duplo sentido, entre produção e recepção, ocorre porque ao mesmo

¹⁸ Argumento, de algum modo, também desenvolvido pelos seguintes autores: Simões; Carmo (2009); Cresswell (2006, 2009); Carmo (2009); Simões (2009); Haesbaert (2009).

tempo em que contribuem com a disseminação de suas estéticas audiovisuais, elas/eles não são legitimados em espaços “centrais”.

O que disse anteriormente sobre a opacidade das sociabilidades homossexuais em “periferias” faz sentido se olharmos com mais cuidado para o protagonismo juvenil supramencionado e cruzarmos pela via hierárquica da “compressão de tempo-espaço” proposta por Massey (2000). A impressão é que os contrafluxos “centro-periferia” não somente devem permanecer invisíveis (enquanto produções pontuais de circulação), assim como parecem não ter poder de legitimidade pelo caráter ambivalente de produção e recepção, ou seja, estão aprisionados espacialmente por outros grupos. Apesar que na última década o processo de constituição de sociabilidades homossexuais em “periferias” avançou positivamente, de modo menos exótico e mais propositivo (não meramente receptivo)¹⁹.

O jogo acima, entre produção e recepção, é pertinente se pensarmos que tais aspectos não são meros indicadores das posições que cada indivíduo ocupa. Nesse sentido, a agência é um campo de forças e de possibilidades contínuo sobre o qual produtoras(es)/receptoras(es) de localidades “periféricas” dão sentido à suas práticas (argumento sobre agências, produção de diferenças e subjetividades que se aproxima dos de: FACCHINI, 2008; FRANÇA, 2012; AGUIÃO, 2007; MOUTINHO, 2006; LACOMBE, 2010). Como sugestão, devemos pensar que não somente a festa em si é primordial para a análise, mas suas relações com as pessoas é que dá originalidade ao que se pretende mostrar. Festas e pessoas presentes compõem o cartão de visitas. A este respeito, na entrada da “*Plast*” olhei com curiosidade para as várias pulseiras, de cores diferentes, espalhadas pelo balcão, cada uma com diferentes significados:

- Azul beija meninos;
- Rosa beija meninas;
- Verde beija meninos e meninas;
- Vermelha sou comprometido;

Fausto e eu escolhemos a pulseira azul. Tal brincadeira, a meu ver, indicava o grau de “*caretice*” de determinadas pessoas, ou a disponibilidade de “*entrar na onda*” da

¹⁹ Sobre os avanços e retrocessos da última década no Brasil, com ênfase para o reflexo das políticas públicas desenvolvidas durante o governo Lula, ver dossiê do Instituto de Estudos Brasileiros intitulado “O Brasil no período Lula”: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0020-387420140001&lng=en&nrm=iso>, acesso em 20/05/2015. Ainda que não trate diretamente do tema das sociabilidades homossexuais em “periferias”, serve para refletirmos acerca das transformações que ocorreram nesse período.

festa. Algo que representava níveis de maior ou menor reserva. Lembrei dos primeiros campos que eu fiz na “*Plast*”, onde muita gente comentara que “*na Plast rola de tudo*”, indicando menos compromisso afetivo-sexual e mais liberdade na escolha de relações fortuitas. O desejo erótico majoritário pretendia borrar convenções de monogamia e de orientação sexual, embora a maior parte desse borramento partisse dos jovens homossexuais. Minha intenção não é reafirmar dicotomias, mas mostrar que discursos de fluidez de gênero, de estilo e corporalidade não padronizados por sexo/orientação sexual, de maior ênfase em relações fortuitas entre pessoas de mesmo sexo e/ou do sexo oposto, em geral, partiam do público homossexual presente.

As *hostess* nos incentivaram a pegar a pulseira verde, mas decidimos que não. Talvez sejamos “*caretas*” demais para aquele contexto. Comecei a pensar sobre o quanto eu poderia parecer sisudo para algumas pessoas naquele espaço, afinal eu mantinha uma postura séria na maior parte do tempo. Este talvez fosse um dos fatores que me distanciava do público da festa. De algum modo, eu não me encaixava no código de desejo do evento que indicava maior flexibilidade, ou seja, meu amigo e eu estávamos mais próximos da “*caretice*”.

Ao entrarmos no bar eu passei a ciceronear Fausto. Apresentei a ele cada um dos ambientes de modo a situá-lo no espaço. Área de fumantes. Lounge. Pista de dança. Fundos (outra área de fumantes). Como se trata da estrutura de uma casa (em ruínas propositalmente, uma espécie de “*porão*”) os compartimentos são pequenos e nem sempre comportam a quantidade de público, ainda mais em uma festa de aniversário. Na verdade, desde 2013 (ano em que comecei a fazer campo no bar), a casa não passou por reformas, apesar dos constantes pedidos dos frequentadores para aumentarem o espaço, pois “*a cada ano o público da Plast só aumenta*”. Percebi, então, que a visibilidade da festa e seu reconhecimento aumentaram com o tempo. Por exemplo, nas ocasiões que estive em “*baladas*” do “centro” costumava perguntar às pessoas se alguém ouvira falar sobre a *Plasticine*, e de dez pessoas, pelo menos duas afirmavam que sim. O que representou um percentual de 20%. Outro ponto é que esse aperto pode ser conveniente para a tônica da festa. Esse contato mais próximo, quase grudadas/os pelo suor e pelo empurra-empurra, essa avalanche de sensações e emoções, projeta uma cena do evento onde a sensualidade corporal se conecta com a música a ponto de avolumar movimentos de cabeça, braço, cintura, quadril, bunda, perna. Conforme os *beats* da música aceleram ou diminuem, o corpo se acalma ou expande na conexão com outros corpos. Por isso faz

bastante sentido o toque como forma de compartilharem, momentaneamente, similaridades e desejos, já que essa proximidade também serve de potencializador da paquera e da “*pegação*”.

Enquanto a proximidade acima ficava evidente, Fausto insistia em me “afastar” das pessoas, pois queria uma atenção que eu não podia dar. Voltamos para o lounge. Afinal, era mais próximo para ele pegar cerveja, e menos barulhento para conversarmos. Talvez ele tenha me atrapalhado, pois eu não lembro de ter passado algum momento sozinho observando. Na verdade, ele se mostrava “decepcionado” com o bar, segundo ele “*havia muitos héteros e bichas mais novas e afeminadas*”, tipos que não o agradavam. De fato, para as pessoas que procuram pessoas mais velhas, como Fausto, a *Plasticine* não é o melhor lugar, independente da festa o público majoritário é de jovens na faixa etária entre 17 e 22 anos. Dos poucos rapazes que atraíram Fausto, eles eram musculosos e estavam “*pegando*” meninas. Questão pela qual Perlongher (2008 [1987]) se debruçou, pois nas trocas erótico-sexuais entre homens que ele etnografou o desejo não se construía de maneira unilateral, estava sobretudo articulado a outros eixos de diferenciação social como classe, gênero, sexualidade, “*raça/cor*”, idade/geração.

Fausto ainda cogitou a possibilidade de voltar para casa, mas alertei que estávamos muito longe, um táxi sairia muito caro e que nosso horário de volta coincidia com o funcionamento do metrô, ou seja, tínhamos que esperar pelo menos até 04h40 para irmos embora.

Comecei a pensar que o sentido das circulações ali, tendo em vista que a maioria utiliza transporte público, poderia estar ligado ao tempo do metrô ou do ônibus, principalmente para quem não pode voltar a pé para casa. Por um lado, é bom lembrar que esta é, sobretudo, uma questão de classe porque a maior parte das/dos frequentadoras/es da “*Plast*” não possuem carro e dependem do transporte público, assim como eu e Fausto, mas isso não está relacionado diretamente a espaços de sociabilidade localizados na “*periferia*”. O efeito destas circulações me dá impressão de que é praticamente impossível eu querer dar conta da maioria desses fluxos e contrafluxos, são muitos e multifacetados e, com certeza, não envolvem apenas classe, mas também gênero, sexualidade, idade/geração, “*raça/cor*”, e, principalmente, estilo, no caso da *Plasticine*.

Durante a minha participação no “*Periferia Trans*”, evento supracitado, foi possível notar, através do uso do termo êmico “*transa*”, que a apropriação da cidade por

determinados jovens homossexuais moradores de “periferias” questiona não somente o modo como eles interagem com a cidade (sobre a suposta necessidade de alguns homossexuais terem que sair da “periferia” e irem para o “centro” em busca de diversão e relações afetivo-sexuais), assim como olha para os espaços de sociabilidade homossexual “centrais” ou “periféricos” enquanto espaços de “transação”, onde menos se fixa e mais se transita, mesmo que esta transitoriedade esteja vinculada ao local. Além disso, como não se trata de uma questão que diz respeito apenas ao marcador de classe, esses questionamentos manejam posições que ora são identificáveis pela afirmação de alguns homossexuais em serem da “periferia”, ora são execráveis pelo não reconhecimento destes em serem acusados enquanto “*bichinhas de bairro*” (pela suposta efeminação, falta de educação e respeito). Essa noção de transitoriedade parece esbarrar na noção de territorialidade aventada por Perlongher (2008 [1987]) porque além de expor distintos processos de identificação/diferenciação, não vê os “sujeitos enquanto unidades totais” (p. 161). Perlongher (2008 [1987]) irá dizer que ocorrem “segmentariedades binárias” que opõem sexos, idades, classes, etc.; segmentariedades que parecem fazer bastante sentido, por exemplo, para sujeitos ou grupos que estigmatizam/idealizam regiões da cidade – “periferias” ou “centros” – e pessoas.

Os trabalhos de Facchini (2008) e França (2012) são exemplos de etnografias que problematizaram a questão da recusa e do estigma que “carregam” os espaços de sociabilidade homossexual localizados na “periferia” de São Paulo, bem como os frequentadores desses espaços, por conta, por exemplo, da associação entre classe e discriminação. De certo modo, a existência de espaços de sociabilidade homossexual distantes do “centro” aciona, quase que automática, a ideia de espaços “*bagaceiros*”²⁰ (Cf. HENNING, 2008; REIS, 2012), onde não se teria qualidade na música, na estrutura do espaço, não se encontraria parceiros em potencial e muitos dos rapazes frequentadores seriam constantemente estigmatizados por terem uma suposta performance de gênero mais feminina, por não possuírem um nível de escolaridade alto, em outras palavras, por estarem enquadrados na categoria de “*bicha popular*” (FRANÇA, 2012). Contudo, é possível observar ainda, nas “periferias” (e nos espaços “*bagaceiros*” do “centro”), a

²⁰ Atentando para o fato de que o uso do termo “*bagaceiro*” depende de quem e onde frequenta, o interessante é borrar as fronteiras deste termo, pois é possível localizar espaços “*bagaceiros*” no “centro” das cidades.

produção de sujeitos desejáveis a partir da figura do “cafuçú” (homem rude e viril), bem como deslocamentos motivados pelo desejo de encontro com esses homens.

Lembro que em 26/04/2013 realizei uma entrevista com Sérgio – promotor da *Plasticine* -, onde ele comentava sobre a transformação de estilo que pela qual passou o público da festa:

“[...] com o tempo resolvemos fazer quinzenalmente, numa semana na sexta, na outra no sábado, então começamos a intercalar, aí mudou muito o público e vai até hoje emo, vai funkeiro, vai gótico, vai skatista, skinhead, punk, vai patricinha, vai gente de tudo que é lugar, então estamos há três anos e um mês...”

Pesquisador: Como era o estilo do público que frequentava antes?

“Era um povo rock n’ roll... Porque no começo a gente só tocava um pouco de música eletrônica, e o resto era mais rock, anos 80, que era o pessoal mais que curti rock, The Strokes, essas bandas indie, rock alternativo, aí depois de um tempo a gente colocou o funk, colocou umas músicas mais pop porque o povo foi pedindo, aí hoje em dia a gente toca de tudo, até axé. (Sérgio, “homossexual”, 26 anos, entrevista concedida em 26/04/2013).

Note-se que a noção de estilo opera na relação entre tempo e espaço, conforme indicou Sérgio. Durante o percurso temporal apresentado as modificações ocorridas giram em torno do cruzamento entre música e identificação do grupo. Corroboro com a interpretação de Braga (2014) sobre o conceito de estilo, pois ele entende “como um referente amplo de mobilização de sinais corporais, gostos musicais e estéticos e preferências erótico-afetivas, localizados em recortes articulados de tempo-espaço” (p. 3).

Na pesquisa de Rocha (2013) sobre a cena *indie* rock paulistana representada pela festa *Funhouse*, localizada na Rua Bela Cintra, 567, paralela à Rua Augusta, no “centro” de São Paulo, a autora cruzou estilo e lógicas classificatórias utilizadas pelos adeptos desta cena, com vistas a compreender as produções de um discurso sobre si. Ancorada pelas análises de Facchini (2008), Rocha (2013, p. 118) mostra que “o estilo aparece como uma grande arena de exercício da agência e do manejo de convenções sociais”.

Facchini (2008) em sua pesquisa de doutorado sobre o circuito de lazer e sociabilidade, “central” e “periférico”, de “mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com outras mulheres”, mostra que a agência é fundamental para entendermos o estilo como operador de diferenças. Ela se refere à “necessidade de situar os estilos, a partir de uma concepção de sujeito, que permita pensá-lo em sua dimensão processual, considerando que sujeitos são constituídos no processo em que elaboram e se expressam por meio de um estilo” (p. 166).

Tanto Sérgio quanto as/os demais autoras/es citadas/os evidenciam a agência e os processos contidos na representação de cada estilo. Por ser um processo espaço-temporal, o estilo deve ser entendido pela chave da recorrência, de algo que se sustenta pela repetição como qualificativo do ato de se (re)produzir, justamente porque o estilo não é unilateral, e sim construído em relação a pessoas, objetos, lugares, espaços, etc.

Entre idas e vindas, bebíamos, dançávamos e sentávamos. Permaneci grande parte do tempo sentado ao lado de Fausto. Convenci-o a irmos para a pista de dança. A maioria das/dos frequentadoras/es comemorava cada momento a partir do gosto musical pelo *set list* dos DJ's que iam se apresentado. Neste sentido, a música é, sem dúvida, um vetor atrativo, funciona como potencializador de movimentos corporais, desejos e afetos. É interessante notar que nas três cenas etnografadas a música, ou melhor, a variedade de gêneros musicais é fator fundamental de aproximação. Naquele aniversário não havia bolo, discurso ou distribuição de brindes, mas havia música, jovens de idades semelhantes, e sobretudo bebida alcoólica (substância desinibidora).

Muitas latas de cerveja e sangrias baratas eram consumidas de modo rápido. De vez em quando alguém cambaleava e era ajudada/o pelas/os amigas/os. Tentamos passar para os fundos, mas era impraticável, não conseguíamos nos mexer. Retornamos para uma das extremidades do palco onde o aperto e o calor eram amenos. Do meu lado direito alguns casais heterossexuais se “*pegavam*” escorados em algumas pilastras envoltas pela penumbra, do meu lado esquerdo meninos “*davam pinta*” ao som de Rihanna, pela performance efeminada os identifiquei como homossexuais, apesar de ter certeza de que esta é uma leitura rasteira.

Fausto começou a me pressionar para irmos embora. Acabei aceitando. 05h00. Vários grupos saíam aos poucos, mas grande parte ficou. Alguns já estavam esperando ônibus em uma parada próxima do bar. Atravessamos um canal e fomos para uma parada de ônibus abaixo de um viaduto. Lotação. Metrô Corinthians-Itaquera > sentido Palmeiras Barra Funda (ambos da linha vermelha). Parada na estação de metrô República (que interliga linhas vermelha e amarela). Baldeação para a linha 4, amarela, do metrô > sentido Butantã. Destino final estação Fradique Coutinho, em Pinheiros. Parada para comer. Chegada em casa. Percurso que durou aproximadamente 2 horas. Nós voltávamos para casa e outras pessoas, vindas da Zona Leste – “periferia” - para o “centro”, iam para o trabalho. Distinções de classe, de circulação, de apropriação da cidade. Fronteiras “centrais” e “periféricas” agenciadas cotidianamente.

Etnografia III - Aniversário de 8 anos do Guinga's

Esta é a terceira e última incursão etnográfica que completa o percurso a que me propus. Trata-se do aniversário de 8 anos do bar Guinga's, em São Mateus, São Paulo. O Guinga's Bar ganhou ampla notoriedade após ter vencido na categoria “*Casa de Show LGBT*” durante a 3ª edição do Prêmio PapoMix da Diversidade, realizado em 20 de maio de 2014²¹. Soma-se a isso o fato de que foi a partir do lançamento do projeto “*Tô Ke Tô*”, em 2013, sob organização da *Drag Queen* Ioio Vieira de Carvalho, que o bar começou a ser reconhecido na “noite gay” paulistana, principalmente porque várias *Drag Queens* famosas começaram a se apresentar no palco do Guinga's, para citar alguns nomes: Silvetty Montilla, Michelly Summer, Gretta Star, Márcia Pantera. O projeto “*Tô Ke Tô*” é uma iniciativa da *Drag* Ioio e de um dos sócios do bar, que ocorre todas as sextas-feiras com o objetivo de reunir “*todos os estilos de músicas em uma só noite*”.

Aquela época, ainda morando em Pinheiros – bairro de classe média/média alta -, utilizei o metrô Fradique Coutinho (estação recém-inaugurada do metrô linha amarela) e me desloquei para São Mateus: Linha amarela > Estação de metrô República – Linha vermelha > Sentido Corinthians-Itaquera – Linha Vermelha > Desembarque na estação Carrão – Linha Vermelha > Condução > Terminal de ônibus de São Mateus. Aproximadamente 2 horas para chegar no destino final.

Percurso bastante comum para mulheres e homens que voltavam do trabalho, porém meu deslocamento se confundia com o daquelas pessoas. Enquanto elas/eles voltavam do trabalho, eu ia para o trabalho. Em outro aspecto, do mesmo modo que eu me deslocava para um espaço de sociabilidade homossexual na “periferia”, várias moças e rapazes faziam o percurso “periferia-centro” para outros espaços de sociabilidade homossexual “centrais”. Assim, entendo que meu movimento é um contrafluxo porque não é o que comumente ocorre, e os movimentos daquelas/es jovens são fluxos porque são reconhecidos como padrões (Cf. REIS, 2014).

Quando eu cheguei no terminal de ônibus de São Mateus, notei aquele aglomerado de pessoas voltando para suas casas, sendo que eu me deslocava ao Guinga's. Havia saído de casa às 22h30 e às 00h15 eu estava na frente do bar. Longa fila

²¹ Ver informações no site: <<http://www.papomix.com.br/premio/3edicao.php>>, acesso em 16/04/15.

na entrada que aumentava na medida em que as pessoas chegavam. Isto indicava o termômetro da festa. Em geral, festas de aniversário, ou outros eventos de grande divulgação, costumam marcar seu sucesso pelo comprimento da fila, pelo menos é o que a maioria espera, ainda que a quantidade de público não seja fator preponderante para algumas pessoas.

Em cima daquele açougue, prometia ser uma noite especial. O açougue, desde que o Guinga's mudou para atual localização (Avenida Sapopemba, 13.780), serve como contraponto importante porque mostra traços distintos do cotidiano: de dia e até o final da tarde movimento comercial, e à noite – de quarta a domingo – ponto de encontro e de divertimento para homossexuais jovens e velhos. Dinâmicas do cotidiano reforçadas por um vai e vem comercial e de lazer e sociabilidade, o que faz da região/do bairro um espaço que se transforma com o tempo, vide os atuais projetos de mobilidade urbana trouxeram ao bairro o monotrilho da linha 15 prata, chamado de expresso monotrilho leste que irá interligar os bairros de Vila Prudente e Cidade Tiradentes, na Zona Leste²². O que, de acordo com a maioria das pessoas pra quem perguntei, traz benefícios seja de mobilidade ou de maiores investimentos. Enquanto mais essa opção de transporte urbano está longe de ser finalizada, o público que chega ao Guinga's vem a pé (no caso dos moradores de residências próximas), e os de fora, como eu, vem de ônibus ou de carro. Por sinal, eventos badalados costumam lotar o espaço e o estacionamento, mostrando não somente uma perspectiva de efetiva circulação de moradores de bairros “centrais” e “periféricos”, assim como marcações de classe social.

Resolvi permanecer alguns minutos na frente do bar para observar a movimentação. Aproximei-me de um rapaz e perguntei a ele se já tinha entrado muita gente. Ele respondeu que tinha acabado de chegar e que não havia prestado atenção. Como percebi que ele (Estéfano) se mostrava solícito continuei nossa conversa. Estéfano, 38 anos, é sansei, de classe média, e se identifica como “*homossexual*”. Ele fez questão de comentar que sua idade lhe faz sentir mais jovem e que por isso está “*curtindo o momento*”, “*se jogando na night*”, “*aproveitando as baladas*”, pois há alguns anos atrás Estéfano mantinha um relacionamento heterossexual, que resultou no nascimento de uma filha, além de frequentar igreja católica. Atualmente ele se reconhece como “*católico não-praticante*”.

²² Ver informações no site: <<http://www.expressomonotrilholeste.com.br/o-projeto.php>>, acesso em 18/05/2015.

Estéfano esperava dois amigos. Permanecemos em diálogo por aproximadamente cinco minutos. Em seguida, seus amigos chegaram e ele saiu para cumprimentá-los. Fui apresentado a Fabrício e Eduardo. De início, percebi que os dois possuem performances de gênero efeminadas, Fabrício é negro e tem 36 anos e Eduardo é branco e tem a mesma idade. É interessante notar a seguinte semelhança na trajetória dos três: eles mantinham relacionamentos heterossexuais, tiveram filhos e se conheceram no período em que frequentavam a igreja católica. De modo simultâneo, eles resolveram sair da igreja no mesmo momento em que decidiram se assumir homossexuais.

Decidimos, os quatro, entrar no bar. Considerei válido continuar na companhia deles pelas suas simpatias e calorosa recepção, a princípio sem constrangimentos ao fato de eu estar na condição de pesquisador. Antes de entrarmos, efetivamente, permanecemos um curtíssimo tempo na fila, o que me fez perceber a recente pintura das paredes, ainda com cheiro de tinta, em tons laranja e vermelho. Acompanhei-os para a pista de dança, nos fundos. Interessante observar que se eu estivesse sozinho teria me deslocado para o karaokê, mas eu não queria me separar deles, pelo menos por enquanto, e permaneci na pista.

É válido notar que minhas incursões etnográficas na companhia de amigos ou recém-conhecidos, seja em Belém ou em São Paulo, além de mudar minha disposição pelo espaço desestabilizando zonas de conforto, aproximou-me de *insights* valiosos, a exemplo de uma etnografia que realizei (dia 16/03/2013) no Guinga's na companhia de amigos. Vejamos abaixo o diálogo, via *WhatsApp*, entre um amigo (Ronaldo) e outro rapaz que ele conheceu através de uma rede social:

Ronaldo: To indo pruma balada no seu bairro. Haha
Ronaldo: Guingas
Ronaldo: Meu amigo que é antropólogo pesquisa lá
Fernando: Não vah kkkkk... é podre de mais kkkkkk
Ronaldo: Me chamou pra ir com ele
Ronaldo: Eu imagino mas é trabalho de campo
Ronaldo: Hehe
Ronaldo: Mas pq vc acha ruim?
Ronaldo: Vc já foi?
Fernando: kkkkkkk... Tipo, uma vez passei "entrei" lah, sai na mesma hora kkkk
Fernando: Por isso tenho vergonha da onde moro
Fernando: Se vc tivesse falado mais cedo que ia vir, eu ia te fazer companhia
Ronaldo: Ainda dá tempo. Vai com a gente
Ronaldo: Eu descobri que era São Mateus ainda agora
Fernando: É que já estou deitado de pijama kkkk... E minha mãe não vai deixar eu sair agora
Fernando: Que chato, nem dá pra eu sair mesmo
Ronaldo: Tudo bem

Ronaldo: Depois a gente marca algo
Fernando: Aham, marca sim...
Fernando: Beijos
Fernando: E boa sorte kkkkk...
Ronaldo: Haha obrigado.

No dia seguinte...

Fernando: Eae, como foi ontem?
Fernando: kkkkkkkk
Ronaldo: hahaha foi divertido
Ronaldo: Bebida barata
Ronaldo: Enchi a cara
Fernando: kkkk... Imagino
Fernando: E as pessoas de lah? Kkkkk
Ronaldo: Feinhas né... Hehehe
Fernando: kkkk... Imaginei
Fernando: Vc viu? Aonde moro é feio
Fernando: kkkkkk
Ronaldo: Ah normal
Fernando: É porque acho que vc não passou por nenhum baile funk daqui kkkkkk
Ronaldo: Haha medo
Fernando: É tenso kkkk

O diálogo acima mostra como a noção de distanciamento acionada por Fernando passa por critérios de classe e de estética. De classe porque nas entrelinhas dos textos de Fernando, que foi instigado por Ronaldo, o bairro onde ele mora é “*feio*”, ou seja, a “periferia” de São Mateus é feia, creio eu, pela pobreza que não traz modernidade à região, e tampouco maior disponibilidade de serviços e de equipamentos de lazer e sociabilidade sofisticados; e de estética porque o Guinga’s é “*podre*”, assim como bailes funk das redondezas são “*tensos*”. Entendo esta assertiva como aproximação à sujeira, poluição, ou a algo que esteja relacionado com o enegrecimento do espaço pela quantidade significativa de negras/os que circulam pelo local, trazendo à tona o marcador de “raça/cor”. Em uma generalização e leitura desavisada da fala de Fernando pode ser que determinadas pessoas que frequentam, ou não, o Guinga’s acreditem que exista uma “estética periférica”, contudo, prefiro acreditar que exista certo ethos, não da “periferia”, mas de alguns grupos de homossexuais moradores de “periferia” que compartilham pertencimentos ou distanciamentos dependendo de suas relações com lugares e espaços, das apropriações pela cidade, ou seja, das circulações.

Do mesmo modo com que processos de identificação/diferenciação entre grupos e frequentadores de determinados espaços instauram lógicas de pertencimento e de distanciamento, tanto o bairro do Guamá em Belém quanto alguns bairros do extremo da Zona Leste em São Paulo (a exemplo de Itaquera e São Mateus) na relação com

suas/seus moradoras/es, ou não, estes avaliam para si o que deve e o que não deve ser levado em conta quando se referem a determinadas localidades. Neste sentido, bairros de “periferia”, de forma ambivalente, podem ser lugares extremamente idealizados tanto pelo aspecto festivo (onde é possível encontrar as tais sociabilidades “familiares”) quanto pelos altos índices de violência, ou as duas coisas ao mesmo tempo; como também podem ser lugares que devem permanecer invisibilizados, espécies de estruturas opacas por quem não os reconhece enquanto produtores em potencial. Desta feita, “o bairro pode ser um espaço vivido, mas é também um espaço construído através de processos de categorização e de identificação que asseguram a especificidade de cada bairro nos mapas mentais ou administrativos da cidade” (VIDAL, 2009, p. 65)

A perspectiva metodológica de Vincent (2010) me auxilia a não reificar o próprio efeito das movimentações. De acordo com ela:

A perspectiva que vê a sociedade como “indivíduos em movimento” e o programa político (*policy*) como envolvendo o controle de movimento dirige nossa atenção para quem vive onde, quando e como, e para quem vai a qual lugar, quando e como, de forma que tais indagações constituam condições preliminares necessárias ao entendimento da política como um processo e como um desenvolvimento histórico (VINCENT, 2010, p. 496).

Aquela festa comemorativa de 8 anos era conveniente para que eu percebesse aspectos da circulação, a despeito de eu não ter que me valer de uma pesquisa censitária de curta duração sobre o lugar de onde vinham cada uma daquelas pessoas. Vários rostos conhecidos circulavam pelo local. Dos que eu pude lembrar, muitos eram moradores de São Mateus, naquela ocasião acompanhados de amigos. Um dos moradores era Oton, que reencontrei após quase dois anos sem vê-lo pessoalmente. Ele estava trabalhando. Resolvi não incomodá-lo, mesmo assim o abracei demonstrando felicidade em revê-lo. Considero que essas etnografias em momentos de celebração são fundamentais porque me ajudam a refletir sobre o marcador de geração: logo após eu ter falado com Oton, entrei no karaokê e tive uma espécie de *déjà vu* - A maioria das pessoas que ali estavam eu já tinha visto em outras ocasiões -; entre mulheres e homens mais velhas/os, parece que naquele ambiente estava o público cativo do Guinga's, bem semelhante ao que eu presenciara no bar Refúgio dos Anjos, em Belém, especificamente sobre as relações de Ângela com o público mais velho. Se na pista de dança a sensação que observei era de maior individualidade, no karaokê a atmosfera era de maior acolhimento e coletividade. Naquele karaokê era possível observar certa paridade de gênero, além de evidenciar um

maior número de casais. Permaneci por pouco tempo no karaokê porque Estéfano, Fabrício e Eduardo me convidaram para descer.

Do lado de fora, os três amigos começaram a me questionar sobre uma série de coisas: “*Onde você mora? Em que estado eu nasceu? Qual sua idade?*”. Até chegarem na pergunta que me deixou constrangido: “*Você é A [ativo], P [passivo] ou R [relativo]?*” Perguntou Eduardo. Retruquei: “*O que significa R?*” Eduardo respondeu: “*Relativo*”. Rimos. Quando eu respondi que era “*P*”, Eduardo e Fabrício ficaram desapontados e se afastaram momentaneamente, e Estéfano permaneceu calado. Vale destacar que embora Fabrício e Eduardo terem sido ativos em suas relações sexuais heterossexuais, ambos afirmaram que gostam, mesmo, é de serem dominados e passivos. Estéfano era o único do grupo que afirmara ser ativo tanto no período heterossexual quanto agora expressando uma conduta homossexual. Em outra cena, Eduardo apontara para Fabrício um jovem, que devia ter uns 20 anos, de porte físico magro, com músculos definidos, “*moreno*”, estava sem camisa. Eles comentavam: “*Olha que delícia! Com ele eu casava... Ai, mas não posso. Eu já sou casado!*”, afirmava Eduardo. “*Mas ele é gostosinho. Olha essa barriga!*”, destacava Fabrício. Eduardo mexia o cabelo, tentava se aproximar, mas não passou disso.

Subimos. Entre um gole e outro de cerveja, Fabrício e Eduardo se insinuavam para os rapazes à nossa volta. Cerveja. Mais cerveja. Pitadas de funk potencializavam os movimentos corporais, enfatizando a rebolada de quadril e o balançar frenético da bunda. Estéfano me olhava, mas eu desviava o olhar. Ele me paquerava vagorosamente, mas eu me fazia de desentendido. Quando percebi que ele estava insistindo demais, eu resolvi comprar cerveja. Na volta, desviei-me deles e fui para o karaokê. Encontrei com outro amigo cantando e fiquei observando. Em seguida, Estéfano, Fabrício e Eduardo apareceram no karaokê. Meu amigo cantava uma música romântica, que não lembro o nome, ao mesmo tempo que Fabrício comentara: “*Nossa, que música chata! Vamos voltar para a pista!*” Deixei que eles fossem e eu fiquei.

O *insight* que Fabrício me ajudou a ter dizia respeito a algo que eu já tinha percebido em outras vezes no Guinga’s, de que sensações de pertença com o espaço estão diretamente relacionadas com o fato de se sentirem à vontade e de não resumirem sua ida ao bar pelo efeito compulsório de estarem na pista ou no karaokê. “*Se você quer curtir música eletrônica você pode ficar na pista de dança, agora se você prefere um clima mais intimista você pode ficar no karaokê*”, era o que comentava uma mulher. Esta

ponderação verbalizada por uma mulher homossexual perscruta as distinções espaciais que existem entre a majoritária presença de mulheres no karaokê e a maior ausência destas na boate.

Chegando ao final da festa... O som da boate e do karaokê pararam e deram início ao show especial da noite. A *Drag Queen* residente Ioio Vieira de Carvalho dava as boas-vindas com um show de abertura. Em seguida, talvez a mais esperada da noite, a *Drag* Silvetty Montilla que iniciou sua apresentação com uma performance embalada por uma canção italiana, em seguida retornou ao palco com seu show caricato. Outras *Drags* residentes se apresentaram e o grande desfecho aconteceu quando sócia, sócio e *Drags* se juntaram no palco em volta do bolo. Esta cena, ano após ano, é sempre a grande representação do coroamento de cada aniversário. Essa literal reunião no palco, seguida de distribuição de fatias de bolo e discurso compõem a cena. A *Drag* Ioio Vieira de Carvalho costuma discursar dando crédito ao bar pela existência e pelos anos de sobrevivência na Zona Leste, afirmando que “*assim como não é fácil ser LGBT e morador de periferia, também não é fácil lutar diariamente para que o bar resista, seja visível e reconhecido em um cenário extremamente preconceituoso*”, justamente por estar localizado na “periferia”.

A propósito de alguns pontos levantados neste subitem, quero recuperar partes do meu diário de campo:

[...] Enquanto termino de tomar nota desta recente etnografia no aniversário de 8 anos do Guinga's, o *insight* que me ocorreu diz respeito à recorrência de, pelo menos, dois aspectos: I - **as transformações espaço-temporais ocorridas na estrutura e no entorno**: nos eventos que são promovidos no Guinga's, na recente pintura das paredes do bar, e nas obras de construção do monotrilho da linha 15 prata do metrô de São Paulo, que irá garantir maior mobilidade as/aos moradoras/es da Zona Leste; II – **o discurso geracional que permeia determinadas falas de homossexuais a respeito do termo êmico “resistência”**. Nesta chave, “*resistência*” é acionada não somente para superar dificuldades, mas como uma forma de se localizar no espaço-tempo, ou seja, o uso desse termo está ligado a um discurso sobre si que é datado, exatamente por ser verbalizado por homens e mulheres homossexuais mais velhas/os.

“*Resistir*” é, neste sentido, compreender as transformações pelas quais vêm passando o espaço/bairro/cidade/homossexualidade. Não pude deixar de notar que conforme os espaços e suas/seus frequentadoras/es vão envelhecendo, há sempre um discurso saudosista que relembra a história do bar, de cenas específicas, e que por isso também rememora trajetórias individuais.

Durante meu período de campo em Belém notei, também, um discurso semelhante, seja pelo pioneirismo do bar Refúgio dos Anjos na periferia de Belém, sobrevivendo às batidas policiais, seja pelo protagonismo do bar no cenário de sociabilidade homossexual desta capital, funcionando como um

“*bar de resistência*” há 18 anos, como me afirmara Reginaldo (“*gay*”, 46 anos); além de ser um espaço que possibilita/possibilitou com que várias/os homossexuais moradores/es do Guamá tenham/tivessem um primeiro contato com um “*bar gay*” e possam/pudessem se assumir enquanto tais.

Por fim, mas não menos importante, são nesses eventos que é possível perceber quem é “*da casa*” e quem é “*de fora*”, vislumbrando possibilidades analíticas sobre a circulação das pessoas oriundas de bairros distintos de São Paulo e Belém. Na festa de final de ano do bar Refúgio dos Anjos, em Belém, estive acompanhado do interlocutor Reginaldo e, naquela ocasião ele comentara que aquele era um momento específico porque, de acordo com ele, apesar da popularidade do bar na atualidade e dos vários homossexuais jovens ali presentes advindos de outros bairros, era possível notar que haviam muitas/os homens e mulheres homossexuais mais velhas/velhos que frequentam o bar apenas naquela data, uma espécie de público cativo marcado num espaço-tempo dos primeiros anos de funcionamento do Refúgio dos Anjos, como mencionava Reginaldo expressando saudosismo em sua fala.

O pioneirismo e “*resistência*” desses bares me faz pensar que eles cumprem um papel não apenas de divulgadores de sociabilidades homossexuais que se constituem em bairros “periféricos”, mas também enquanto espaços de protagonismos político-identitários em uma lógica de descentralização dos circuitos *mainstream* de sociabilidade homossexual. (Diário de campo, 2015).

Por uma questão de economia textual e dos propósitos temáticos deste artigo não detalharei os usos em torno do termo êmico “*resistência*”. Precisaria, no mínimo, de um outro artigo.

Costurando fios soltos e desamarrando nós, ou: sobre como a(s) circulação(ões) não pode(m) ser reificada(s)

Em recente artigo (REIS, 2014) observei como a descentralização de sociabilidades homossexuais na cidade de São Paulo possui relação com agenciamentos que não estão circunscritos ao local de moradia dos interlocutores. Para este *paper* lancei mão dos meus fluxos e contrafluxos pelas cidades de São Paulo e Belém com vistas a compreender os distintos significados de “centro” e “periferia”, pela chave da circulação, acionados pelos jovens homossexuais com os quais estabeleci contato. Enquanto grande parte deles procura se distanciar da identificação “morador de periferia” por conta do estigma que os inferioriza quando comparados a “moradores de regiões centrais” (por exemplo a partir dos processos de identificação que representam as “periferias” pela via da precariedade/ausência e que por isso se valem da acusação de que tais jovens homossexuais podem ser nomeados enquanto “*bichinhas de bairro*”); outros grupos resignificam este estigma de modo a se afirmarem enquanto moradores de “periferia”, ao mesmo tempo em que potencializam a “periferia” enquanto lugar de produção, bem

como da representação de sociabilidade homossexuais “familiares” pelo denominador comum das amizades que se formam no bairro.

No contexto apresentado me pareceu promissor atentar para a política do lugar como eventualidade, para as eventualidades espaço-temporais (a exemplo das etnografias supracitadas), argumento trabalhado por Massey (2013). Trata-se de um conhecimento/apropriação da cidade não através de cenas estáticas, mas por modos processuais de envolvimento/agenciamento. Uma das críticas que esta autora coloca é de que as conexões e negociações nos espaços/lugares não devem se valer de tentativas de domínio e/ou domesticação que não permitam a pluralidade efetiva das relações, caso esta pluralidade não ocorra, a premissa de que todas/os fazem parte do mesmo espaço e que por isso estão em pé de igualdade cai por terra.

Seguindo o argumento acima, não há como entender as incursões que destaquei pelo isolamento espaço-tempo de São Paulo e Belém e das relações sociais entre homossexuais em contextos “periféricos”. Assim, é fundamental compreender

[...] raça, gênero, sexo, geração, região e classe como categorias classificatórias compreendidas como construções situadas – locais, históricas e culturais -, que tanto fazem parte das representações sociais como exercem influência real no mundo, por meio da produção e reprodução de identidades coletivas e de hierarquias sociais politicamente efetivas. Esses ‘marcadores’ são, por sua vez, regulados por convenções e normas e podem ser considerados categorias que, apesar de sua singularidade contextual, não adquirem seu sentido e eficácia isoladamente. É a íntima conexão – as relações que diferentes marcadores estabelecem entre si – que lhe confere sentido. Melhor dizendo, embora não sejam redutíveis umas às outras, essas categorias refletem, assim como produzem, cotidianamente, modelos, costumes, ideologias, mitos e representações e mostram-se sempre ‘em relação’. Na verdade, a própria efetividade de sua percepção se dá a partir do confronto, do contraste, da tensão ou do entrelaçamento de diferentes marcadores de diferença (SCHWARCZ, 2015, p. 8).

Retomar a seguinte fala de Reginaldo me parece sintomático dessa complexa relação entre agência/estrutura, circulação/parada, pessoa/espaço: “*Eu acho que a ponte contrária também se faz [do “centro” para a “periferia”], é claro que cada um dentro das suas limitações, dos seus temores, das suas leituras sobre o espaço, do seu comprometimento, ou não, com o espaço*”. Torna-se evidente que os meandros que nos levam aos significados de pertencimento/distanciamento, fluxos/contrafluxos, identificações/diferenciações e distância/proximidade dão conta do que está entre a abertura e o fechamento de tais circuitos, ou seja, do que está/pode estar solto pelo caminho. No pontos de chegada e partida existe o que podemos chamar de entre-lugar,

algo que nem sempre é dito ou percebido. É onde acionamos nossas limitações, temores, leituras e comprometimentos, aspectos que representam sentidos e efeitos de cada circulação. Nesse sentido, os mapas de circulação que são construídos resultam de movimentações distintas porque subscrevem ambivalências entre ser morador de “periferia” e não usufruir de seus equipamentos de lazer e sociabilidade, se afirmar enquanto morador de “periferia” e se apropriar dos serviços locais, ou não ser morador de “periferia” e se valer dos espaços e das sociabilidades produzidas nestes lugares.

Desta feita, cada evento etnografado privilegiou uma marcação de tempo específica e uma linearidade compreendida entre início, meio e fim. Em Belém observei a festa de final de ano do bar Refúgio dos Anjos, na passagem de 2014 para 2015. Três aspectos marcantes desta incursão foram: as sensações de acolhimento (pela via das relações de informalidade) durante a permanência no bar, mas que extrapolam essa delimitação espacial; o aspecto geracional que, de algum modo, é tributário dos que fizeram parte da construção do espaço; e a identificação enquanto *guamaense(s)* que caracteriza certo ethos dos que se afirmam enquanto moradores do Guamá e frequentam o bar, em algum aspecto eles compartilham do mesmo pertencimento de classe (baixa – “*pobres*”), e da semelhante auto-identificação de “raça/cor” (negras/os – “*morenas/os*”, “*pardas/os*”) e auto-identificação de orientação sexual (mulheres e homens homossexuais – “*entendida/o*”, “*lésbica*”, “*sapatão*”, “*patã*”, “*machuda*”, “*feminina*”, “*caminhoneira*”, “*bicha*”, “*bichinha*”, “*gay*”, “*barroca*”).

Em São Paulo observei duas festas de aniversário: os 5 anos da festa *Plasticine* e os 8 anos do bar Guinga’s. Na primeira notei um expressivo público de jovens, homossexuais e heterossexuais, entre 17 e 22 anos, majoritariamente negros e moradores de outras “periferias”, que não apenas Itaquera, que procuram menos se rotularem por orientação sexual e mais a agirem conforme seus desejos e vontades, por exemplo: “*O que eu sou depende muito de como tá o clima da festa*”, “*Hoje eu tô mais homossexual*”, “*Hoje eu tô mais hétero*”. A segunda festa é “*voltada ao público GLS*”. Percebi, além da maioria homossexual (“*entendida/o*”, “*sapatão*”, “*bicha*”, “*gay*”), negra, e moradora das redondezas, dois aspectos principais: a distinção geracional dentro do espaço, algo que delimita com clareza os ambientes da boate e do karaokê, e o recorrente discurso que afirma a localização “periférica” do Guinga’s pela via do reconhecimento enquanto espaço acolhedor e importante para o cenário de sociabilidade homossexual da zona leste de São Paulo. Características estas que aproximam o Guinga’s do Refúgio dos Anjos.

Não há como negar o significativo papel dos marcadores sociais de sexualidade, gênero, classe, “raça/cor”, idade/geração, tempo e estilo como suporte dos argumentos apresentados. Como nos lembra Piscitelli (2008)

É importante destacar que já não se trata da diferença sexual, nem da relação entre gênero e raça ou gênero e sexualidade, mas da diferença, em sentido amplo para dar cabida às interações entre possíveis diferenças presentes em contextos específicos. O debate sobre as interseccionalidades permite perceber a coexistência de diversas abordagens. Diferentes perspectivas utilizam os mesmos termos para referir-se à articulação entre diferenciações, mas elas variam em função de como são pensados diferença e poder (PISCITELLI, 2008, p. 266-267).

É bom deixar claro que Piscitelli (2008) parte de um contexto de integração de migrantes brasileiras no mercado global de trabalho e no mercado matrimonial, ainda assim é uma referência significativa para o debate das interseccionalidades (não como meras sobreposições), principalmente porque ela recorre a este debate articulando-o ao contexto brasileiro através de dinâmicas de circulação, ou melhor, de migração, que são tangenciadas de modo transnacional.

Por fim, mas não menos importante, quero enfatizar que todas as etnografias apresentadas tensionam leituras espaço-temporais que visibilizam ou invisibilizam agências (pessoas/sociabilidades/homossexualidades/subjetividades) e estruturas/representações estruturais (bairros/espacos/lugares/) a depender do modo como os homossexuais se apropriam de determinados equipamentos urbanos. A esse respeito, corroboro com Frúgoli Jr. (2000) quando ele mostra que o comprometimento com os espaços é fundamental para o entendimento da lógica urbana, em especial no contexto de São Paulo, foco central de sua análise. Na construção de seu argumento sobre o caráter temporal da transformação urbano-econômica desta capital ele mostra três espaço-tempos “centrais” (o Centro Metropolitano, a Avenida Paulista e a Avenida Luiz Carlos Berrini) que foram perdendo, ou ganhando força, durante o processo de expansão urbana da cidade. O que é importante reter desta proposição é o emprego do termo centralidade, pois para Frúgoli Jr.

Ainda que no processo geral de expansão urbana possa se observar uma forte tendência à dispersão e à descentralização, é impossível postular que isto signifique a perda de um “centro”, mesmo que não se possa mais falar, no caso de uma metrópole como São Paulo, em uma única centralidade, de feição tradicional e histórica. Persiste, de toda forma, a importância constitutiva do papel desenvolvido pela centralidade no contexto urbano, porém em novos termos (FRÚGOLI JR., 2000, p. 42).

Sobre o que sustenta essa noção de “centro”, que entendo como residual (justamente porque não é possível pensar atualmente em noções puras e idealizadas tanto de “centro” quanto de “periferia”), Frúgoli Jr. prossegue:

Outra dimensão a ser assinalada é que nas regiões centrais de uma metrópole realiza-se, em maior ou menor grau, a densidade dos contatos, face a face que marcam a vida pública moderna, constituída por múltiplas dimensões como o encontro e a sociabilidade, a mediação de distintos conflitos, a tolerância à diversidade sociocultural, as manifestações políticas etc., que ganham nesses espaços a expressão mais acabada (FRÚGOLI JR., 2000, p. 42)

Portanto, não posso deixar de notar que o lugar social ocupado pelos espaços que eu pesquiso, atravessados por pertencimentos e/ou distanciamentos, mostram que a noção de “centralidade” ou do que é “central” em oposição ao que é “periférico” ou da “periferia”, é uma construção sócio-histórica e classista, que visa tornar opaca a existência desses espaços de sociabilidade homossexual localizados em “periferias”.

Referências bibliográficas

- AGUIÃO, Silvia. “Aqui nem todo mundo é igual”. Cor, mestiçagem e homossexualidades numa favela do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado em Saúde Coletiva, Área de Gênero, Sexualidade e Saúde, Rio de Janeiro, IMS/UERJ, 2007.
- BRAGA, Gibran Teixeira. “O Gosto Amargo do Perfume: Gênero e Estilo na Produção da Banda Uó”. *I Encontro de Antropologia Visual da América Amazônica* – EAVAAM, GT 02: Entre texturas e sinuosidades: articulações entre antropologia visual, gêneros e sexualidades, Belém, PA, pp. 1-17, 2014.
- CARMO, Renato Miguel do. Do espaço abstracto ao espaço compósito: refletindo sobre as tensões entre mobilidades e espacialidades. In: CARMO, Renato Miguel do; SIMÕES, José Alberto (Orgs.). *A produção das mobilidades: redes, espacialidades e trajectos*. Lisboa: ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2009, pp. 41-55.
- CRESSWELL, Tim. Seis temas na produção das mobilidades. In: CARMO, Renato Miguel do; SIMÕES, José Alberto (Orgs.). *A produção das mobilidades: redes, espacialidades e trajectos*. Lisboa: ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2009, pp. 25-40.
- _____. *On the Move: Mobility in The Modern Western World*. New York: Routledge, 2006.
- DOSSIÊ – “O Brasil no período Lula”. Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 58, junho, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0020-387420140001&lng=en&nrm=iso>, acesso em 20/05/2015.
- FACCHINI, Regina. Entre umas e outras: mulheres, (homo) sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Campinas, SP, 2008.
- FELTRAN, Gabriel de Santis. *Fronteiras de tensão: política e violências nas periferias de São Paulo*. São Paulo: Editora Unesp: CEM: Cebrap, 2011.

FRANÇA, Isadora Lins. “Frango com frango é coisa de paulista”: erotismo, deslocamentos e homossexualidade entre Recife e São Paulo. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, Rio de Janeiro, n. 14, ago., pp. 13-39, 2013.

_____. *Consumindo lugares, consumindo nos lugares: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

FRÚGOLI JR. Heitor. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Cortez: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

GUASCO, Pedro. *Num país chamado periferia: identidade e representação da realidade entre os rappers de São Paulo*. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, São Paulo, SP, 2001.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

HENNING, Carlos Eduardo. *As diferenças na diferença: hierarquia e interseções de geração, gênero, classe, raça e corporalidade em bares e boates GLS de Florianópolis, SC*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2008.

LACOMBE, Andrea. *Ler [se] nas entrelinhas. Sociabilidades e subjetividades entendidas, lésbicas e afins*. Tese de Doutorado: Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/PPGAS, 2010.

MAGALHÃES, Lillianne Sousa. *Participação de jovens em grupos culturais e mobilidade no espaço urbano de São Paulo*. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Educação - Área de Concentração: Sociologia da Educação -, São Paulo, SP, 2008.

MARCUS, George E. *Etnografía en/del sistema mundo. El surgimiento de la etnografía multilocal*. *Alteridade*, México, 11 (22), pp. 111-127, 2001.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 4ª ed., 2013 [2005].

_____. *Um sentido global do lugar*. In: ARANTES, Antonio A. (Org.). *O espaço da diferença*. Campinas, SP: Papius, 2000, pp. 176-185.

MOUTINHO, Laura. *Negociando com a adversidade: reflexões sobre “raça”, (homos)sexualidade e desigualdade social no Rio de Janeiro*. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, 14 (1), janeiro-abril de 2006, p. 103-116.

_____. *Razão, “cor” e desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “interraciais” no Brasil e na África do Sul*. São Paulo: Unesp, 2004.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008 [1987].

PISCITELLI, Adriana. *Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras*. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 11, n. 2, pp. 263-274, 2008.

RAFFESTIN, Claude. *Por una geografía del poder*. Zamora, Michoacán: El Colegio de Michoacán, 2013.

REIS, Ramon Pereira dos. *Entre Fluxos e Contrafluxos, “Periferias” e “Centros”: descentralizando sociabilidades homossexuais na cidade de São Paulo*. *Gênero na Amazônia*, Belém, n. 6, jul./dez., pp. 63-90, 2014.

_____. *Encontros e desencontros: uma etnografia das relações entre homens homossexuais em espaços de sociabilidade homossexual de Belém, Pará*. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Pará, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Belém, 2012.

- ROCHA, Ane Talita da S. Construindo desejos e diferenças: uma etnografia da cena indie rock paulistana. Dissertação (Mestrado), Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, São Paulo, SP, 2013.
- RODRIGUES, Carmem Izabel. *Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano*. Belém: Editora do NAEA, 2008.
- SÃO PAULO, Guia Gay. 4ª ed., março/maio. São Paulo: Guiya editora, 2015.
- SCHWARCZ, Lilia. Prefácio – Quando todos os caminhos levam de Belém a São Paulo e vice-versa. In: CANCELA, Cristina Donza; MOUTINHO, Laura; SIMÕES, Júlio Assis (Orgs.). *Raça, etnicidade, sexualidade e gênero: em perspectiva comparada*. São Paulo: Terceiro Nome, 2015, pp. 7-12.
- SIMÕES, José Alberto; CARMO, Renato Miguel do. Introdução. In: CARMO, Renato Miguel do; SIMÕES, José Alberto (Orgs.). *A produção das mobilidades: redes, espacialidades e trajetos*. Lisboa: ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2009, pp. 17-24.
- SIMÕES, José Alberto. Redes, Internet e *hip-hop*: redefinindo o espaço dos fluxos. In: CARMO, Renato Miguel do; SIMÕES, José Alberto (Orgs.). *A produção das mobilidades: redes, espacialidades e trajetos*. Lisboa: ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2009, pp. 71-89.
- SOLIVA, Thiago Barcelos. A Confraria Gay: um estudo de sociabilidade, homossexualidade e amizades na turma OK. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 2012.
- VIDAL, Frédéric. A mobilidade residencial como objecto da história urbana: registros, práticas e interpretações. In: CARMO, Renato Miguel do; SIMÕES, José Alberto (Orgs.). *A produção das mobilidades: redes, espacialidades e trajetos*. Lisboa: ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2009, pp. 57-69.
- VINCENT, Joan. A sociedade agrária como fluxo organizado: processo de desenvolvimento passados e presentes. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: Editora UNESP, 2010, pp. 469-497.
- WESTON, Kath. *Families we choose: lesbians, gays, kinship*. New York: Columbia University Press, 1997.
- _____. Get Thee To A Big City: Sexual Imaginary And The Great Gay Migration. *GLQ: A journal of Lesbian and Gay Studies*, United States of America, vol. 2, pp. 253-277, 1995.

Sites pesquisados

- <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=150140>>, acesso em 05/06/2014.
- <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=355030&search=sao-paulo|sao-paulo>>, acesso em 05/06/2014.
- <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0020-387420140001&lng=en&nrm=iso>, acesso em 20/05/2015.
- <<http://www.papomix.com.br/premio/3edicao.php>>, acesso em 16/04/15.
- <<http://www.expressomonotrilholeste.com.br/o-projeto.php>>, acesso em 18/05/2015.